



Abralin Cena em RONDÔNIA

Associação Brasileira de Linguística -
Universidade Federal de Rondônia
Mestrado em Letras - Departamento de
Línguas Vernáculas - Porto Velho-Rondônia





Índice

23	Ana Beatriz Ferreira Dias
31	
56	Ana Karina de Oliveira Nascimento
58	
39	Ana Maria da Silva Nunes Ana
12	Antonia Fernanda Nogueira
21	
17	Bruna Karla Pereira
19	Celso Ferrarezi Junior
46	Claudia Maria Astorino
54	Daianne Severo da Silva
57	Djenane Alves dos Santos Valdez
50	
42	Edson Santos da Silva Júnior
24	Eli Nazareth Bechara
26	
47	Emilson Ferreira de Souza
18	Fábio de Carvalho Messa
37	Geane Valesca da Cunha Klein
40	Genésio Seixas Souza
32	Heliud Luis Maia Moura
20	Ismael Tressmann
13	Ivan Rocha da Silva
14	
48	Jorge Luís de Freitas Lima
34	Josélia Ribeiro

53	Juliana Batista do Prado
59	Klondy Lúcia de Oliveira Agra
56 58	Laudo Natel do Nascimento
41	Luciana Fabiano dos Santos Uchôa
29	Luciana Pereira da Silva
35	Marci Fileti Martins
45	Maria do Socorro Pessoa
38	Maria Izabel Cavalcante da Silva
55	Marta Banducci Rahe
53	Mary Clevely Mendes
50 59	Odete Burgeile
44	Odineide Farias de Oliveira
36	Petrônio Fernandes Beltrão
36	Plinio Pereira Filho
49	Priscila de Araújo Pinheiro
11	Raimunda Dias Duarte
51	Ramon Corrêa Mota
26	Roberto Gomes Camacho
27	Rosa Maria A Nechi Verceze
15	Rosângela do Socorro Nogueira de Sousa
48	Shirlane Pantoja da Silva
28	Valdir Vegini
47	Verônica Maria Elias Kamel
36	Wellington Lopes dos Santos

Painéis

16 de setembro

8h30	ENTREGA DE MATERIAL Miniauditório da Dired (sala 16)
9h às 10h40	<p>COMUNICAÇÕES INDIVIDUAIS</p> <p>GRUPO 1. Linguística Textual/ Sintaxe</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Gêneros Textuais como instrumento de letramento acadêmico. (Luciana Pereira da Silva – UTFPR) 2. A redação escolar no ensino fundamental sob o enfoque da gramática sistêmico funcional de n Halliday: a meta função textual. (Rosângela do Socorro N. de Sousa – UFPA) 3. Os gêneros textuais no vestibular da UFPR. (Josélia Ribeiro – UFPR) 4. A inferência nos processos de categorização na fala de adolescentes. (Rosa Maria A. Nechi Verzeze – UNIR) <p>GRUPO 2 . Fonética e fonologia/ Língua Materna/ Aquisição</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. O papel da linguística na formação do professor das séries iniciais: fala e escrita. (Raimunda Dias do Arte – UFPA) 2. Práticas de leitura no ensino de língua portuguesa. (Prícila de Araújo Pinheiro- UFAC) 3. Multiplicidade de vozes na história em quadrinhos. (Verônica Maria Elias Kamel - Uninorte; Emilson Ferreira de Souza - UFAC) 4. Formação do professor em atividades de desenvolvimento da escrita ortográfica. (José Ricardo Carvalho da Silva – UFS)
10h40	INTERVALO
11hàs 12h30	<p>SESSÃO DE ABERTURA Auditório da Dired</p> <p>CONFERÊNCIA "O humor será um campo?" (Prof. Dr. Sírio Possenti - UNICAMP)</p>

14h30 às 16h35	<p>COMUNICAÇÕES INDIVIDUAIS</p> <p>GRUPO 3 . Sintaxe e Pragmática</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Estruturas verbais Karitiana à luz da teoria de estrutura argumental de Hale e Keyser (2001). (Ivan Rocha da Silva – Usp) 2. Estratégia de relativização nas variedades lusófonas. (Roberto Gomes Camacho – Unesp; Eli Nazareth Bechara – Unesp) 3. 'lá' em projeções de quantificação na estrutura do DP. (Bruna Karla Pereira – UFMG). <p>GRUPO 4 . L2</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Concepção de avaliação e ensino de língua espanhola em Porto Velho. (Djenane Alves dos Santos Valdez - Unir) 2. O uso de textos no ensino de língua inglesa. (Daianne Severo da Silva – Unir) 3. Objeto da cultura material escolar: o papel do livro didático das aulas de inglês na Escola Estadual Maria Constança Barros Machado (1955 – 2005). (Marta Banducci Rahe – UFMS) 4. Trabalhando com os emergentes gêneros digitais no ensino de língua inglesa. (Laudo Natel do Nascimento – UFS; Ana Karina de Oliveira Nascimento – UFS)
16h35	INTERVALO
17h	<p>SESSÃO DE PÔSTER</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Da gozação à admiração: o percurso do discurso midiático da globalização no novo perfil da HQ Monica Jovem. (Plínio Pereira Filho - UFPB; Petrônio Fernandes Beltrão - UFPB; Wellington Lopes dos Santos - UFPB) 2. A voz da marginalidade. Um estudo lexical da obra de Plínio Marcos. (Maria Izabel Cavalcante da Silva - USP) 3. A tradução como estratégia de ensino na aula de língua estrangeira. (Juliana Batista do Prado - UEG; Mary Clevely Mendes - UEG) 4. A interpretação de metáforas pelo surdo no português brasileiro, sua segunda língua. (Ramon Corrêa Mota - Universidade Católica de Brasília) 5. Leitura e interpretação de textos: caminhos rumo à cidadania. (Jorge Luís de Freitas Lima - UFAM; Shirlane P. da Silva - UFAM) 6. A Língua Latina: um rio que flui por baixo de uma camada de gelo. (Ana Maria da Silva Nunes Ana - UESPI) 7. A palavra como signo ideológico: a relação dialógica tensa entre duas visões de justiça em um manual de iniciação em justiça restaurativa. (Ana Beatriz Ferreira Dias - UFSCar) 8. Regras Fonológicas na língua Wajoro (ou Wayoró, tronco Tupi, Rondônia). (Antonia Fernanda Nogueira - USP)

	<ol style="list-style-type: none"> 9. Representação e identidade em situação de contato linguístico Português - Tikuna: um estudo sociolinguístico no sudoeste amazonense. (Edson Santos da Silva Júnior - UEA) 10. "Ecozônia" ecolinguística: contextualização da teoria nos âmbitos local, nacional e internacional. (Luciana Fabiano dos Santos Uchôa - UNIR)
17 de setembro	
9h às 10h40	<p>COMUNICAÇÕES INDIVIDUAIS</p> <p>GRUPO 5 . Grupo de Análise do Discurso/ Linguística Textual</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Narrativas de galpão: enunciações emergentes da subjetividade gaúcha. (Geane Valesca da Cunha Klein - UNIR) 2. Documentário de divulgação científica: uma fantasia que se transforma realidade ou uma realidade que se transforma fantasia? (Marci Fileti Martins - Unisul) 3. Atividades de recategorização e referência em narrativas orais populares: implicações sociocognitivas no processo de construção do texto. (Heliud Luis Maia Moura - Unicamp) 4. Tradição oral no contexto amazônico: a lenda da cobra do kuniã. (Valdir Vegini- UNIR) <p>GRUPO 6 . Semântica/ Pragmática</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Justiça restaurativa por um viés da pesquisa em linguagem: por uma nova visão de mundo. (Ana Beatriz Ferreira Dias) 2. Sobre o conceito de categoria e sua aplicação na teoria linguística: uma abordagem semântico-cultural. (Celso Ferrarezi Jr. – UNIR) 3. Mascotes de futebol e o fenômeno do chageamento jornalístico. (Fábio de Carvalho Messa - UFPR Litoral)
10h40	INTERVALO
11h às 12h30	<p>MESAS-REDONDAS</p> <p>MESA 1 . Linguística Textual. Miniauditório da Dired</p> <p>Profa. Dra. Maria Luiza Gonçalves Aragão da Cunha Lima – UFMG: "Como e por que estudar o processamento da referência".</p> <p>Profa. Dra. Iara Bemquerer Costa – UFPR: "Contribuições da Linguística Textual para a avaliação da produção escrita".</p> <p>Profa. Dra. Raquel Salek Fiad – UNICAMP: "Rupturas ou continuidades nas propostas de ensino de escrita".</p>

	<p>MESA 2 . Ensino de Gramática: Auditório da Direção Profa. Dra. Esmeralda Vailati Negrão: "Teoria Linguística, Gramática e Ensino" Prof. Dr. Carlos Miotto (UFSC): "Que Gramática ensinar?". Prof. Dr. Renato Basso (UFSC): "Sobre estudar, ensinar e fazer gramática: reflexões de um aprendiz curioso".</p>
14h30 às 16h35	<p>COMUNICAÇÕES INDIVIDUAIS</p> <p>GRUPO 2 . Sociolinguística/ Linguística Histórica</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Marcas linguísticas, marcas sociais e marcas culturais como instrumentos para transformar práticas didático-pedagógicas. (Maria do Socorro Pessoa – UNIR) 2. Atitudes linguísticas nas fronteiras do Acre. (Odineide Farias de Oliveira – UFAC) 3. Terminologia do Turismo: Análise do termo "roteiro turístico", como parte de um estudo contrastivo entre os idiomas português, inglês, espanhol e italiano. (Cláudia Maria Astorino – USP) 4. Aspectos toponímicos e a lusofonia lexical em notícia do Brasil de Gabriel Soares de Sousa. (Genésio Seixas Souza – UNEB) <p>GRUPO 8 . L2</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Formação de docentes de línguas estrangeiras: uma proposta de estágios em forma de projetos. (Odete Burgeile – Unir; Djenane dos Santos Valdez - Unir) 2. A necessária integração da língua e da cultura no ensino de língua estrangeira. (Klondy Lucia de Oliveira Agra – Iniron; Odete Burgeile- Unir) <p>GRUPO 9 . Fonética e Fonologia/ Morfologia</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Descrição fonética e fonológica da língua Ye'Kuana falada em Roraima; primeiros resultados. (Renata Oliveira Silva – Unb) 2. Como verbos são formados na língua Wajoro (ou Wajoró, tronco Tupi, Estado de Rondonia)? (Antônia Fernanda Nogueira) 3. Os nomes em Sinta Larga. (Ismael Tressmann – IESRS)
17h	<p>CONFERÊNCIA</p> <p>Políticas Linguísticas Prof. Dr. Gilvan Müller Auditório da Direção</p>
20h	CONFRATERNIZAÇÃO (POR ADESÃO)

18 de setembro	
9h às 11h	<p>MESA-REDONDA</p> <p>Por um Inventário Geral das Línguas Indígenas do Brasil</p> <p>Profa. Dra. Ana Suelly Arruda Camara Cabral (UNB): "As Múltiplas Faces e Interfaces do Inventário de uma Língua: Contribuições do Assurini do Trocará para o Inventário Geral das Línguas Indígenas Brasileiras". Profa. Dra. Crsitina Fargetti (UNESP-Araraquara): "Inventário da língua juruna: resultados e contribuições metodológicas". Prof. Dr. Henri Ramirez (Unir/Guarajá Mirim): "O Alto Madeira nos Séculos XVII e XVIII: O Quadro Lingüístico Indígena".</p>
11h	<p>CONFERÊNCIA DE ENCERRAMENTO</p> <p>"Rondônia: principal mosaico étnico e lingüístico do Brasil." Prof. Dr. Aryon Rodrigues</p>

Resumos



PORTO VELHO 2010

O PAPEL DA LINGUÍSTICA NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DAS SÉRIES INICIAIS: FALA E ESCRITA

RAIMUNDA DIAS DUARTE¹

¹UFPA - Universidade Federal do Pará

O ensino-aprendizagem de língua portuguesa tem sido muito discutido nos cursos de Letras das universidades brasileiras. Sabe-se, porém, que esses cursos formam professores para atuarem nas séries finais do ensino fundamental (do 6º ao 9º ano) e no ensino médio. Diante disso, vem a questão: qual o espaço de discussão do ensino-aprendizagem de língua portuguesa nas séries iniciais? Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) orientam que nessa fase, o ensino-aprendizagem deve ter dois focos principais: leitura/escrita e cálculo. No que diz respeito ao primeiro foco, o professor precisa desenvolver em seus alunos habilidades/competências de leitura e escrita para que estes possam tornar-se cidadãos críticos e reflexivos, capazes de aplicar os conhecimentos adquiridos na escola em situações de uso efetivo da linguagem. As orientações oficiais defendem que o professor das séries iniciais é um professor de língua portuguesa, considerando-se que ele trabalha com a linguagem. Portanto, esse educador precisa ter um conhecimento profundo sobre o funcionamento da língua. Sem uma formação adequada, o professor terá muita dificuldade de atender à exigência dos PCN de que o aluno deve ser proficiente em língua portuguesa. Sabe-se que os dados do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB) não são nada animadores no que se refere ao índice de proficiência em língua portuguesa no Brasil. E mesmo que as escalas pareçam apontar para uma progressiva melhora, se for feita uma pesquisa in loco, ver-se-á que a maioria dos alunos sai do 5º ano com dificuldades até de decodificar as palavras. Um dos fatores que colaboram para o baixo desempenho desses alunos nas provas que exigem leitura, compreensão, interpretação e produção de texto é a falta de conhecimento técnico-teórico do docente. Isso não significa que o professor esteja descomprometido com o processo, mas, talvez seja porque, no decurso da sua formação, não se tenha instrumentalizado adequadamente, por meio da pesquisa e da reflexão sobre os fenômenos da linguagem, para enfrentar questões problemáticas (que aparecem na sua prática), buscando esclarecimento dos fatos e novos recursos táticos para a explanação didática. A apropriação da leitura e da escrita pelo aluno é um processo altamente complexo, por isso exige do professor competência técnico-teórica específica, a fim de que os

problemas sejam, pelo menos, minimizados. Neste trabalho, busca-se fazer uma avaliação da formação do professor das séries iniciais, no que diz respeito ao ensino-aprendizagem de língua portuguesa, tentando-se fazer uma reflexão sobre o papel da linguística na formação desse educador. Para isso, se fará uma análise do desenho curricular de cursos de formação de professores bem como de atividades feitas em turmas de 1º e 2º anos do ensino fundamental. O trabalho tem como base teórica os conhecimentos de Fonética e Fonologia, por meio dos quais busca-se mostrar de que maneira o professor pode intervir para resolver dificuldades que o aluno tem, nessa fase do aprendizado, de separar a fala da escrita.

PALAVRAS-CHAVES: aquisição da linguagem, fala e escrita, fonética e fonologia, formação de professores, séries iniciais

REGRAS FONOLÓGICAS NA LÍNGUA WAJORO (OU WAYORÓ, TRONCO TUPI, RONDÔNIA)

ANTONIA FERNANDA NOGUEIRA¹

¹USP - Universidade de São Paulo

A língua Wajoro (Wayoró) é classificada como membro da família linguística Tupari, tronco Tupi. Através de identificação de contraste em pares mínimos/análogos, verificamos que há três séries de consoantes na língua Wajoro: obstruintes orais, obstruintes nasais e aproximantes. Constatamos que alguns segmentos consonantais sofrem alterações em contextos específicos. Algumas destas alterações são: (i) sonorização, ou seja, um segmento surdo muda para um segmento sonoro; (ii) assimilação de nasalidade, quando um segmento adquire o traço nasal de um segmento próximo, tornando-se semelhante a este; (iii) neutralização, ou seja, a distinção entre dois fonemas é perdida em determinado ambiente. Abaixo, há uma breve descrição de processos fonológicos operantes na língua Wajoro: i. Sonorização: no ambiente final de palavra, em fronteira de morfema iniciado por vogal, as consoantes oclusivas surdas [p t k] mudam para segmentos sonoros, por exemplo, [k] > [g]. No dado abaixo a consoante oclusiva velar surda muda para velar sonora diante do morfema de primeira pessoa do singular (1s) {õn}, iniciado por vogal. (1) piti:k > o-piti:[g]-õn "frio" 1s-frio-1s "eu estou com frio" ii. Assimilação de Nasalidade: O morfema {-a} "vogal temática" forma os radicais verbais na língua Wajoro. Se a raiz verbal terminar em segmento oral, o alomorfe usado é [-a], quando a raiz termina em segmento nasal, o alomorfe [-ã] ocorre. (2) Alomorfes

da vogal temática {-a} [-a] / [- nasal] ____ [-ã] / [+ nasal] ____ O morfema de passado {-t} é afixado após a vogal temática {-a}. Quando a vogal temática é oral, o alomorfe [-t] ocorre, quando a vogal temática está nasalizada, o alomorfe de passado que aparece é realizado por [n]. (3) alomorfes do morfema {-t} "passado" [-t] / [- nasal] ____ [-n] / [+ nasal] ____ iii. Neutralização: em início de sílaba, há oposição entre consoantes obstruintes nasais e consoantes obstruintes orais homorgânicas. No entanto, a oposição atestada acima é perdida (neutralizada) em final de sílaba, ambiente em que ocorre a seguinte distribuição complementar: (4) Obstruinte Nasal/ Vnas ____ \$ Obstruinte Oral / Vora ____ \$

PALAVRAS-CHAVES: Língua Wajoro (tronco Tupi), Família linguística Tupari, Fonologia, Regras Fonológicas

TEORIA DE ESTRUTURA ARGUMENTAL DE HALE E KEYSER (2002): INSTRUMENTAL TÓRICO À LUZ DOS FATOS LINGUÍSTICOS

IVAN ROCHA DA SILVA¹

¹DL/USP - Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo

Prete demos neste trabalho apresentar a proposta teórica de estrutura argumental de Hale e Keyser (2002). Conforme estes autores, a estrutura argumental de um determinado verbo diz respeito à sua configuração arbórea e à sua seleção argumental em um nível pré-sintático. Eles apontam que há muito mais envolvido na composição de um item lexical verbal do que sua valência e os papéis temáticos dos seus argumentos, como, por exemplo, outros núcleos (nomes, adjetivos, preposições, e verbalizadores, por exemplo) e estruturas sintáticas projetadas por cada núcleo separadamente ou pela composição destes núcleos. Eles acreditam que o módulo chamado "estrutura argumental", que é para estes autores um módulo da gramática separado da sintaxe, lida com a projeção destes núcleos, seus especificadores e complementos, que eles consideram ser argumentos internos à projeção lexical. É crucial entender que argumentos externos não fazem parte deste módulo na visão dos autores, e são introduzidos na sintaxe através da adjunção de um argumento causa ou agente ao sintagma verbal. Hale e Keyser (2002) propõem, em sua teoria, quatro tipos de estruturas argumentais universais para os verbos: monádica, diádica composta, diádica básica e uma estrutura simples, mononuclear. Além disso, apresentaremos o instrumental teórico da teoria em questão à luz dos dados das línguas



Karitiana (Tupi), Wajoro (Tupi), Juruna (Tupi), Português, Inglês, Hopi (Uto-Azteca), Navajo (Athabaskan), Miskito, Ulwa (Misumalpan). Na perspectiva de Hale e Keyser (2002) um verbo é formado a partir de uma raiz (R) e de um ou mais núcleos verbais (V1 e V2). A raiz carrega os traços semânticos e fonológicos do verbo. As propriedades de uma raiz associadas às propriedades dos núcleos verbais V1 e V2 que projetam estruturas é que irão determinar se um verbo realizará alternâncias de transitividade ou não. Estes núcleos verbais e as estruturas em que eles ocorrem estão diretamente relacionados à valência dos verbos e ao seu comportamento sintático. (Apoio: CNPq - Processo 134949/2009-9).

PALAVRAS-CHAVES: Estrutura argumental, Hale e Keyser (2002), Morfossintaxe, Sintaxe

ESTRUTURAS VERBAIS KARITIANA À LUZ DA TEORIA DE ESTRUTURA ARGUMENTAL DE HALE E KEYSER (2002)

IVAN ROCHA DA SILVA¹

¹DL/USP - Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo

A partir das classes verbais descritas na língua Karitiana (família Arikem, Tupi, Rondonônia), pretendemos apresentar uma análise teórica para os dados da língua. A língua Karitiana tem uma classe de verbos intransitivos, a qual destacamos uma subclasse que tem sujeito experienciador e objeto oblíquo. Todos estes verbos intransitivos têm um mesmo padrão sintático no que diz respeito à alternância transitivo-incoativa, ou seja, todos os intransitivos podem ser transitivizados por uma morfologia específica {m-}. Temos em Karitiana verbos transitivos e verbos bitransitivos. Todas as classes verbais na língua foram descritas com base em evidências morfossintáticas. Essas evidências são utilizadas na língua para testar a valência de um verbo e com isso checar todos os verbos elicitados até o momento dentro de um mesmo paradigma. A nossa proposta teórica é fundamentada pela teoria de estrutura argumental de Hale e Keyser (2002). Há nessa teoria basicamente três propostas de estrutura para os verbos, a saber: (i) um núcleo que projeta um complemento e não projeta um especificador, cuja estrutura descreve verbos transitivos ou verbos inergativos (*Pedro cortou a carne e João correu*, respectivamente); (ii) uma estrutura que tem um núcleo que projeta um complemento e um especificador interno, cuja estrutura pode ser complemento de (i) e com isso dá conta da descrição de verbos intransitivos alternantes como *a roupa sujou* ⇔ *o*

homem sujou a roupa ou *Pedro chegou* ⇔ *João fez Pedro chegar*; e (iii) que diz respeito aos verbos depreposicionais, onde um núcleo P projeta um complemento e um especificador, mas para tornar-se verbo tem de ser tomado como complemento de um núcleo V (verbo), por exemplo, *Pedro emprateleirou o livro* ⇔ *Pedro fez o livro ficar na prateleira*. A metodologia utilizada neste trabalho é baseada em evidências morfossintáticas da língua. Em Karitiana há um morfema transitivizador {m-} que pode ser adicionado a toda construção intransitiva, tornando-a transitiva. Este morfema não pode ocorrer com verbos transitivos ou bitransitivos. Há na língua um morfema {a-} de passiva que pode ser adicionado aos verbos transitivos ou bitransitivos, cuja ocorrência com os verbos intransitivos é agramatical. Temos ainda a coocorrência dos prefixos {a-} e {m-}, que tem o seguinte funcionamento: um verbo intransitivo ao ser transitivizado via {m-} pode em seguida ser passivizado via {a-}. Outra evidência considerada para a análise é a construção de cópula, que em Karitiana é bioracional, ou seja, uma cópula toma como complemento uma minioração e no núcleo dessa minioração ocorrem apenas verbos sintaticamente intransitivos, adjetivos (nominalizados por um prefixo {i-}) ou um nome, neste último caso, sem o prefixo {i-}. O padrão de concordância, que é ergativo-absolutivo, também nos revela sobre a estrutura argumental dos verbos dessa língua. Alguns exemplos dos processos acima são: Transitivização: *pyr-otam-yn João* 'João chegou' ⇔ *pyry-mb-otam-yn João taso* 'o homem fez João chegar'. Neste caso, os elementos que estão em negritos foram adicionados Passivização: *pyry-ý-dn asyryty taso* 'o homem comeu a banana' ⇔ *pyr-a-ý-dn asyryty* 'a banana foi comida'. Aqui foi adicionado o morfema {a-} para deixar implícito o agente em 'taso'. (Apoio: CNPq - Processo 134949/2009-9).

PALAVRAS-CHAVES: Classes verbais, Estrutura Argumental, Línguas Indígenas, Morfossintaxe

A REDAÇÃO ESCOLAR NO ENSINO FUNDAMENTAL SOB O ENFOQUE DA GRAMÁTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL DE HALLIDAY: A METAFUNÇÃO TEXTUAL

ROSÂNGELA DO SOCORRO NOGUEIRA DE SOUSA¹

¹UFPA - Universidade Federal do Pará

O trabalho em questão objetiva apresentar os resultados parciais da pesquisa desenvolvida no campus de Abaetetuba-Pa sobre a relação

entre a gramática sistêmico-funcional, de Halliday (1985), e a construção de textos escritos nas séries do ensino fundamental maior, tendo como locus de pesquisa escolas públicas da região do baixo tocantins. As redações são analisadas sob o arcabouço teórico da gramática sistêmico-funcional, em especial, no que diz respeito a organização estrutural dos enunciados do texto, ou seja, de acordo com estrutura de Tema e Rema apresentada por Halliday sob o rótulo da metafunção textual. Assim como as metafunções interpessoal e experiencial, a metafunção textual tem função específica: a de organizar as informações do texto de acordo com o status atribuído pelo autor a cada parte da informação veiculada no texto. O corpus é constituído de textos produzidos por alunos do ensino fundamental, em sala de aula, sob a orientação do professor, e a análise pretende elucidar de que forma a gramática sistêmico-funcional se evidencia nestes textos. Para isso, analisa-se a estrutura dos enunciados, observando os elementos ocupantes das posições chamadas por Halliday de Tema e Rema e o modo como essas escolhas influenciam a construção dos sentidos. A partir dos dados, pode-se repensar o tratamento dado à produção textual nas escolas da região, buscando-se ampliar o olhar docente sobre os aspectos envolvidos na produção de um texto, tais como a intenção comunicativa e a influência dos contextos de cultura e de situação sobre as escolhas feitas, que se evidenciam no modo de estruturação textual. Considerando que a gramática sistêmico-funcional vê a língua como um sistema semiótico que prevê que as escolhas que fazemos podem ser explicadas pelas funções assumidas nos atos comunicativos, a produção de significados depende inteiramente das escolhas operadas pelos falantes/escritores de acordo com suas intenções comunicativas dentro dos contextos de uso. A escolha do gênero e do público justifica-se por se tratar das primeiras séries em que se começa a dar devida importância a produção de textos e os resultados da pesquisa podem servir de material de apoio não só para o entendimento sobre a relação entre funcionalismo em linguagem e produção de texto no seio escolar, mas também como meio de reflexão para a revisão das metodologias aplicadas em sala de aula no trabalho com o texto.

PALAVRAS-CHAVES: gramática sistêmico-funcional, metafunção textual, redação, rema, tema

'LÁ' EM PROJEÇÕES DE QUANTIFICAÇÃO NA ESTRUTURA DO DP

BRUNA KARLA PEREIRA¹

¹UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

Este trabalho investiga as seguintes ocorrências de 'lá' no português brasileiro: (1) (Lá) as crianças acordam (lá) bem cedo (lá). (2) Eu não tenho [lá tanto dinheiro]. (3) Seja [lá quem for], respeite. (4) a. "eu tinha [um colega meu lá] que trabalhava com [...]". b. "brinco de casinha, pegu [umas panelinha véia lá]". Como apontado acima, diferentemente de (1), 'lá' integra variadas construções nas quais este advérbio não apresenta valor locativo e dispõe de ordenação rígida: pré-nominal (2,3) ou pós-nominal (4). Sugerimos que isto ocorre, porque 'lá' é inserido por merge diretamente em spec de QPs distribuídos na cartografia do DP. Para sustentarmos essa hipótese, baseamo-nos na teoria dos especificadores funcionais (CINQUE, 1999) e nos estudos sobre DP (GIUSTI, 1991; BRUGÈ, 2002; HAEGEMAN, 2004). Nestes estudos, o DP é compreendido como uma estrutura complexa de categorias funcionais projetadas acima do NP. Considerando-se esse pressuposto, analisamos (2-4). Em (2), 'lá' precede N e o quantificador 'tanto', além de co-ocorrer com 'não'. Por esta razão, segundo Martins (2010), 'lá' seria um NPI. Entretanto, isso não se aplica, pois NPIs não co-ocorrem com quantificadores de polaridade positiva (5), perfeitamente compatíveis com 'lá'. (5) *Eu não tenho nenhum tanto/muito dinheiro. Efetivamente, a estrutura com negativa deve-se ao fato de que sentenças como (2) negam a intensidade de algo tido como superior em um discurso prévio. Assim, 'não' tem escopo sobre o quantificador 'tanto', enquanto 'lá' integra a categoria onde este quantificador é gerado. Por isso, 'lá' checaria traços desta categoria em spec, mesmo que o núcleo não fosse realizado foneticamente (6). (6) Ela não é [lá (tanto) uma Brastemp]. Em (3), 'quem' pode ser parafraseado por 'qualquer pessoa' (7). Portanto, 'lá' é provavelmente especificador de QP, que tem como núcleo um quantificador universal. Este núcleo é realizado foneticamente por 'qualquer' em (7a) e por ec (categoria vazia) em (3a). Além disso, Q° tem como complemento um NP cujo núcleo é 'pessoa' em (7a) e 'quem' em (3a). A NP, está adjunto um CP (relativa) cujo núcleo é 'que' em (7a) e ec em (3a). (3) Seja [lá quem for], respeite. (3) a. [QPIáQ°ec[NPN°quem[NP[CPopiC°ec[IPproil°for...]]]]]. (7) Seja [lá qualquer pessoa que for], respeite. (7) a. [QPIáQ°qualquer[NPN°pessoa[NP[CPopiC°que[IPproil°for...]]]]]. Em (4), consoante Martelotta e Rêgo (1996, p. 245), 'lá' indica que "o falante não quer ou não pode especificar o substantivo a que se refere". Trata-se da mesma função de um outro tipo de 'qualquer' (8) que significa 'certo/determinado', é pós-nominal e



opera na “identificação vaga” (MÓIA, 1992) do referente. (8) Houve um terremoto num país qualquer da Ásia (MÓIA, 1992, p. 38). Ademais, para Mória (1992), [D NP qualquer] é parafraseado por “a entidade x (que eu não sei especificar/nomear)”. Com efeito, esta paráfrase também se aplica a [D NP lá]. Logo, ‘lá’ em (4) também seria Spec,QP. Esta projeção, diferentemente de (2,3), localizar-se-ia abaixo de adjetivos (‘véia’) e de possessivos (‘meu’). Em suma, argumentamos a favor da análise de ‘lá’, em (2-4), como especificador de QPs localizados em posições altas e baixas na cartografia do DP. (Apoio:CAPES)

PALAVRAS-CHAVES: especificador funcional, DP, ‘lá’ não-locativo, quantificador

MASCOTES DE FUTEBOL E O FENÔMENO DO CHARGEAMENTO JORNALÍSTICO

FÁBIO DE CARVALHO MESSA¹

¹UFPR Litoral - Universidade Federal do Paraná - Litoral

Só mesmo as charges jornalísticas podem validar o estatuto de existência das mascotes dos clubes de futebol. O fenômeno do chargeamento é que personifica efetivamente os signos-mascotes que representam os times brasileiros. Na maior parte das vezes, são as charges que recriam e ressignificam estes elementos, inserindo-os em narrativas que instituem a crítica, formam a opinião e geram o efeito humorístico no jornalismo opinativo esportivo brasileiro. Os clubes da série A que compõem o futebol brasileiro são todos representados em charges jornalísticas que problematizam seus desempenhos nos jogos, geralmente intertextualizando com outros elementos factuais. Expomos aqui um pouco de suas origens, difusão e variação – associando-os a alguns fundamentos da retórica e da semiótica do discurso. Sabe-se que os elementos básicos dos estudos retóricos, de base aristotélica, são utilizados até hoje, nas pesquisas sobre o discurso midiático, já que, por excelência, é a comunicação jornalística que investe legitimamente nas técnicas de persuasão e nas figuras de linguagem. Em decorrência disso, foi preciso caracterizar alguns fenômenos conotativos essenciais - metaforização e metonimização - para uma observação mais apurada dessas personagens, além de percorrer a fortuna crítica sobre estudos de charges na perspectiva da lingüística e da comunicação. Tornou-se imprescindível, também, entender a diferença das abordagens da retórica para a semiótica, já que a primeira oferece um instrumental que propicia a identificação e descrição de fenômenos semânticos que

ocorrem no âmbito frasal, enquanto a segunda dispõe de ferramentas para o estudos do universo narrativo. A partir desses pressupostos, foram selecionadas algumas charges de jornais que circulam na região da Grande Florianópolis - *Diário Catarinense*, *Hora de Santa Catarina* e *Notícias do Dia* - publicadas durante o Campeonato Brasileiro de 2009, no período de maio a dezembro, que contemplassem partidas e episódios entre clubes como o Avaí, Flamengo, Internacional, Grêmio, Palmeiras, Sport, Vitória, Náutico, São Paulo e Botafogo. Em função disso, buscou-se entender o processo de transformação das mascotes em personagens-protagonistas das charges jornalísticas esportivas. As charges, portanto, consistem em processos sígnicos que geram peculiares relações de sentido – intertextuais, parafrásicas e paródicas - que contribuem para a formação do humor próprio do fenômeno do chargeamento e para formação da identidade do leitor-torcedor que acompanha o seu time pelo jornalismo esportivo brasileiro.

PALAVRAS-CHAVES: Futebol, Charge, Semiótica

SOBRE O CONCEITO DE CATEGORIA E SUA APLICAÇÃO NA TEORIA LINGÜÍSTICA: UMA ABORDAGEM SEMÂNTICO-CULTURAL

CELSO FERRAREZI JUNIOR¹

¹UNIR - Fund. Universidade Federal de Rondônia

Embora toda teoria que se proponha a uma descrição lingüística se baseie, pelos menos presumidamente, em um conceito de categoria, esse conceito parece ser insuficientemente trabalhado na bibliografia pertinente e, muitas vezes, tem sido dado como subentendido. Além disso, parece existir alguma confusão terminológica e conceitual, muitas vezes na delimitação de escopos de aplicação, em torno do que seria exatamente uma categoria, especialmente as categorias gramaticais, nas línguas naturais. Além desses aspectos, deve-se notar que, na bibliografia, praticamente não se toca no assunto das origens das categorias presumidas nos estudos das línguas naturais. Assim, este artigo pretende analisar o conceito de categoria gramatical, partindo da bibliografia corrente, passando à análise de alguns fatos lingüísticos do português brasileiro como forma de compreensão do que seja uma categoria em uma língua natural. Nele, a partir de uma análise semântica de bases culturais, adotando-se os pressupostos e a metodologia das semânticas de base cultural, chega-se à proposição de que deve haver



uma preliminar conjunção do conceito de língua natural adotado pelo estudioso e o conceito de categoria que desse conceito mais amplo deve decorrer. Propõe-se que, se o conceito de língua se fundamentar na idéia de processos representativos socializados e culturalmente construídos, como ocorre pelo prisma da teoria semântica adotada como referência no artigo, as categorias de uma língua natural qualquer deverão refletir as categorias culturais que a comunidade de falantes dessa língua utiliza em seu cotidiano como bases de sua visão de mundo e interação com este. Dessa forma, as categorias gramaticais que dão suporte à organicidade estruturo-funcional da língua deveriam ser analisadas, também, a partir dessa construção cultural que fundamenta os processos representativos a que essa mesma língua serve. Isso atribui a uma categoria gramatical uma origem semântico-cultural e uma funcionalidade estrutural que devem, de alguma forma, não apenas ser identificáveis, mas confluir. Afinal, como Hjelmslev frisava, o aspecto essencial no estudo de uma língua não é dividir esse objeto em partes (categorias), mas sim adaptar a análise desse objeto de modo que ela seja conforme as dependências mútuas que existem entre essas categorias, permitindo-nos prestar contas, de forma satisfatória, dessas dependências na relação entre as categorias, entre a língua e as categorias que a formam e, até, das próprias relações entre essas categorias. Em seu término, o artigo propõe o seguinte conceito de categoria gramatical: "Categoria gramatical – todo e qualquer conjunto de elementos depreensível a partir das relações/dependências entre função e sentido, oriundo das categorias culturais decorrentes de Vn, tomado de forma sistêmica para os fins de estruturação de uma língua natural.", em que "Vn" é a visão de mundo que essa língua representa.

PALAVRAS-CHAVES: Categoria linguística, Categoria cultural, Categoria gramatical, Semântica, Epistemologia da Linguística

OS NOMES EM CINTA LARGA

ISMAEL TRESSMANN¹

¹IESRS . Farese - Instituto de Ensino Superior da Região Serrana - Farese

Este estudo trata da identificação de uma das categorias lexicais presente na língua Cinta Larga - a dos nomes - , com base nos estudos de Radford (1997). O povo Cinta Larga pertence ao complexo sócio-cultural e linguístico Tupi-Mondé. Habita os vales dos rios Roosevelt, Aripuanã, e seus afluentes, tributários da margem direita do rio Madeira, na Amazônia Brasileira. O atual território situa-se no Parque Aripuanã

(PQARI), cujas aldeias localizam-se parte em Rondônia, parte em Mato Grosso. A população, conforme o último censo realizado pela Fundação Nacional de Saúde (Funasa), é de cerca de 1140 pessoas. O Parque é circundado pelos municípios de Espigão do Oeste, Cacoal, Pimenta Bueno e Vilhena, todos em Rondônia, e Juína, Aripuanã e Rondolândia, no Mato Grosso. Este Parque abriga também os povos Zoró e Suruí, formando um território contíguo. A pesquisa foi realizada entre os Cinta Larga que habitam aldeias no município rondoniense de Espigão do Oeste. A fim de identificar as categorias lexicais existentes na língua sob investigação, utilizaremos os critérios formais. Segundo Radford, as propriedades morfológicas fornecem pistas para a identificação da categoria das palavras. Para determinar a categoria de uma dada palavra, podemos indagar se esta possui propriedades derivacionais e/ou flexionais. No entanto, conforme sugere Radford, não podemos nos ater inteiramente ao critério morfológico para determinar a categoria de uma palavra, uma vez que em certas línguas a flexão é às vezes irregular ou inexistente, e a morfologia derivacional, muitas vezes, é de produtividade limitada. Em decorrência desses fatos, é preciso utilizar o critério morfológico em conjunto com o sintático. Este último leva em conta a posição que as palavras podem ocupar nas sentenças e a sua função: se predicado, argumento ou modificador. A pesquisa realizada aponta que em Cinta Larga identificamos a categoria dos nomes. Das categorias lexicais derivadas dos traços binários universais Nominal e Verbal, observamos em Cinta Larga as quatro categorias possíveis resultantes da combinação desses traços. Por meio da aplicação de critérios formais, identificamos a classe dos nomes nesta língua tupi. Os nomes nessa língua possuem certas propriedades gramaticais que lhe são próprias, como a possibilidade de ocorrerem na forma de plural e de poderem receber afixos de posse, por exemplo. Os nomes funcionam tipicamente como argumentos nas funções de sujeito ou objeto, e podem ocorrer também como adjuntos em função predicativa.

PALAVRAS-CHAVES: Línguas Indígenas, Gramática gerativa, categorias lexicais

COMO VERBOS SÃO FORMADOS NA LÍNGUA WAJORO (OU WAYORÓ, TRONCO TUPI, ESTADO DE RONDÔNIA)?

ANTONIA FERNANDA NOGUEIRA¹

¹USP - Universidade De São Paulo

A língua Wajoro (Wayoró ou Ayuru) faz parte da família linguística Tupari, ao lado das línguas Makurap, Mekens (ou Sakurabiat), Tupari e Akuntsú, do tronco Tupi, localizadas no estado de Rondônia (Brasil). É comum às línguas da família Tupari a presença de um morfema que é afixado a uma base para formar verbos, o morfema verbalizador (verblzr). Um exemplo é o sufixo {-ka}. (1) morfema verbalizador {-ka} em Akuntsú, Mekens e Tuparí (Fonte: a.Aragon (2008), b.Galucio,(2001), c.Alves (2004)) Base Base+{ka} a. Akuntsú perop “cozido” perop-ka “cozinhar” b. Mekens perop “cozido” perop-ka “cozinhar” (ou Sakurabiat) c. Tuparí ta’ra “largo” ta’ra-ka “estender” Nas línguas acima, o verbalizador {-ka} forma verbos transitivos. Os morfemas verbalizadores em Wajoro foram investigados com o propósito de responder às seguintes questões: (i) quais os verbalizadores presentes nos dados? (ii) as raízes às quais estes verbalizadores se afixam ocorrem como forma independente na língua? (iii) qual a estrutura argumental (transitivo, intransitivo ou alternante) dos verbos formados por determinado verbalizador? Os verbos foram coletados, nesta fase do trabalho, somente em sentenças matrizes. Após a base verbal, identificamos a ocorrência de cinco verbalizadores realizados fonologicamente {-k}, {-g}, {-kw}, {-ng} e {-kat}. Todos os verbos terminam pelo sufixo vocálico {-a} “vogal temática” (v.t), que ocorre após os verbalizadores. Em contraste com os morfemas verbalizadores realizados fonologicamente, propomos também um verbalizador zero para os verbos em que a vogal temática se une diretamente à base. Em síntese, as raízes verbais em Wajoro são constituídas por [base + verbalizador + vogal temática], após o sufixo vocálico o morfema de tempo passado (pass) {-t} pode ser adicionado. Consideramos verbos intransitivos os verbos que exigem apenas um argumento, por exemplo “correr”; transitivos aqueles que requerem dois argumentos, como “chamar”; alternantes aqueles que podem variar entre transitivo e intransitivo, como “acender”. Em Wajoro, o morfema verbalizador {-k} pode criar verbos transitivos, intransitivos e alternantes, como podemos constatar abaixo: (2) verbo transitivo, intransitivo e alternante formado a partir do verbalizador {-k}, em Wajoro 2a. mōka “chamar”: transitivo òn mbogop mō-k-a-t 1s criança chamar-verblzr-v.t-pass “eu chamei a criança” 2b. pawaka “secar”: intransitivo o-pe-po:t te-pawa-k-a-t 1s-roupa-velha 3-seco-verblzr-v.t-pass “minha roupa velha secou” 2c. ewaka “acender”: alternante òn agopkap ewa-k-a-t 1s fogo acender-verblzr-v.t-pass “eu acendi o fogo” agopkap te-ewa-k-a-t fogo 3-acender-verblzr-v.t-pass “o fogo acendeu” A sentença 2(a) é biargumental. No dado 2(b), apenas um argumento é exigido, ou seja, em 2(b) o verbo é monoargumental. Outro instrumento de pesquisa sobre a valência dos verbos foi a distribuição dos morfemas pessoais na língua Wajoro. Os morfemas pessoais

prefixais realizam o argumento objeto quando usados com verbo transitivo e funcionam como argumento sujeito quando usados com um verbo intransitivo (argumentos absolutivos).

PALAVRAS-CHAVES: língua wajoro (wayoró), tronco tupi, formação de verbos

A JUSTIÇA RESTAURATIVA POR UM VIÉS DA PESQUISA EM LINGUAGEM: POR UMA NOVA VISÃO DE MUNDO

ANA BEATRIZ FERREIRA DIAS¹

¹UFSCar - Universidade Federal de São Carlos

Partindo dos estudos de filosofia da linguagem, sustentamos, neste trabalho, a tese de que uma concepção sociointeracional de linguagem baseada nos estudos do Círculo de Bakhtin pode contribuir com o desenvolvimento de novas formas de conhecimentos que, incorporadas pelo sujeito pesquisador como um ato responsável e responsivo, buscam compreender o homem social e suas realidades. Mais especificamente, consideramos que as questões postas pela justiça restaurativa (JR) podem ser respondidas, em grande medida, com essa concepção de linguagem. O movimento restaurativo, de abrangência internacional, vem adquirindo visibilidade no Brasil há cerca de cinco anos, mobilizando organizações governamentais, não-governamentais, escolas, comunidade, etc. Sendo uma resistência às relações sociais atuais altamente autoritárias que coisificam o sujeito e que são decorrentes da ideologia dominante de justiça, a JR oferece formas alternativas de relações sociais baseadas em uma cultura de paz, cuja maior ênfase recai no enfrentamento às situações de violência. Para desenvolvermos o presente estudo, realizamos duas grandes etapas. Na primeira, respondemos às seguintes perguntas: como poderíamos pensar a linguagem, a língua e a palavra? qual seria o objeto dos estudos da linguagem? qual seria a natureza desse objeto? e como poderíamos traçar um método de análise? Perguntas aparentemente simples, mas que apontam para a complexidade das pesquisas em linguagem atualmente. Compartilhamos com Santos (2002. p. 59) a ideia de que estamos passando por um período de transição, no qual surge a necessidade de retornarmos a fazer perguntas aparentemente simples, mas que, depois de realizadas, “são capazes de trazer uma nova luz à nossa perplexidade”. O ponto de partida para respondermos essas questões são os estudos realizados pelo Círculo de Bakhtin e

pelos estudiosos mais contemporâneos que tomam o pensamento desse grupo como base. Notamos, então, que o tipo de pesquisa defendido por estudiosos da área de JR tem muito a ganhar com os estudos de linguagem. Também justificamos isso ao articularmos essas questões teóricas em uma análise possível do texto Carta de Araçatuba, comumente conhecido *como certidão de nascimento da justiça restaurativa no Brasil*. Para a análise do enunciado (texto), seguimos as “regras metodológicas” propostas por Bakhtin/Voloshinov (1990, p.44), como: não separar a ideologia da realidade material do signo, não dissociar o signo das formas concretas da comunicação social, não separar a comunicação e suas formas da sua base material. Tendo isso em vista, passamos para um exame habitual das formas da língua e as interpretamos em sua concretude viva e não como elementos abstratos desligados dos sujeitos, dos outros enunciados, da interação verbal, em suma, da própria vida. (Apoio: FAPESP – Processo 2010/05136-0). Referências: BAKHTIN, M.; VOLOSHINOV, V. N. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 5. ed. São Paulo: HUCITEC, 1990. SANTOS, B. de S. *Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática* (Volume 1). 4. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

PALAVRAS-CHAVES: Filosofia da Linguagem, Concepção de Linguagem, Pesquisa, Justiça Restaurativa

ESTRATÉGIAS ILOCUCIONÁRIA, INTERACIONAL E RETÓRICA EM TEXTOS DE IRONIA E ANTI-IRONIA (ANTÍPODAS PIRAMIDAIS)

ELI NAZARETH BECHARA¹

¹UNESP - Universidade Estadual Paulista

Partindo do ponto de vista de que o discurso é visto tanto como um processo de interação comunicativa (enunciação) quanto como o produto desse processo (enunciado/texto), empregaremos o termo ‘discurso’, ora como processo (discurso-processo), ora como produto (discurso-produto), seja separadamente, seja em confronto ou em confluência um com o outro, adequadamente em seus contextos particulares. Entendemos o discurso, normalmente, contendo duas instâncias em acordo – o enunciado e a enunciação. No entanto, algumas estratégias

de persuasão são o resultado de articulações em conflito ou desacordo intencional entre essas duas instâncias discursivas, criando o que se conhece como figuras (de pensamento) retóricas. Ao falar de recursos retóricos, Fiorin (1999) declara que, quando o enunciador afirma no enunciado (texto/discurso-produto) e nega na enunciação (interação comunicativa/contexto/situação, discurso-processo), ocorre a figura retórica da ironia (antífrase); e, inversamente, quando o enunciador nega no enunciado (texto) e afirma na enunciação (contexto/situação), ocorre a figura retórica da litotes (para nós anti-ironia) (FIORIN, p.56, 57). Assim, “retórica” é entendida como uma estratégia discursiva de persuasão, e a ironia ou a anti-ironia (litotes) ocorrem, cada qual, como uma relação dialética, resultante da articulação intencional em conflito/desacordo entre os conteúdos semânticos informados no enunciado (texto/discurso-produto) e as informações da enunciação enunciada (discurso-processo-produto, situação/contexto) – sendo ambas opostas entre si. Uma outra visão de “função retórica” se restringe à relação estrita entre atos de fala/atos de discurso, expressos, em geral, por proposições (orações) em textos/discursos, estudados por Dik (1997b), Hengeveld (1997, 2004), Kroon (1997), Mann e Thompson (1987), Conolly (2004), e outros; ou não se restringe apenas a atos de fala/atos de discurso, segundo Van Dijk (1999), e outros. Enveredaremos, também, por alguns caminhos da teoria das vozes (polifonia) para relacionarmos a ironia e a anti-ironia a esses recursos retóricos da enunciação no enunciado, associando essas figuras de linguagem de pensamento aos valores semânticos e semióticos do quadrado lógico das relações/funções do ser/parecer, do não-ser/não-parecer; relacionamos, e contrapomos, também, de um lado, as funções de escritor(a)/criador(a) empírico(a), de autor(a) implícito(a)/explícito(a) e de narrador(a) (implícito(a)), às funções narratário(a) (implícito(a)) e de leitor(a) implícito(a) e leitor(a) empírico(a), de outro, dos textos/obras no processo produtor dos efeitos de sentido da ironia e da anti-ironia, no conjunto de informações pragmáticas na mente do(a) leitor(a) empírico(a) dos textos em que esses recursos estratégicos de linguagem indireta ocorrem. Apresentaremos exemplos de episódios de trechos de texto(s) literário(s) do conto “A senhora do Galvão”, de Machado de Assis que ilustram nossa visão da ironia e da anti-ironia como vértices piramidais opostos/contrários (antípodas), um em relação ao outro, formando um octógono lógico semântico-semiótico bastante interessante e original.

PALAVRAS-CHAVES: anti-ironia, função ilocucionária, função interacional, função retórica, ironia

ESTRATÉGIAS DE RELATIVIZAÇÃO NAS VARIEDADES LUSÓFONAS

ROBERTO GOMES CAMACHO¹, ELI NAZARETH BECHARA¹

¹UNESP - Universidade Estadual Paulista

Comparando-se a estratégia de retenção pronominal de relativização em (1a) com a de pronome relativo ou padrão em (1b), vê-se que a primeira é mais eficaz que a segunda nas línguas que a contêm, em virtude de licenciarem um conjunto maior de posições relativizadas da Hierarquia de Acessibilidade (HA) de Keenan & Comrie (1977), proposta como: SU > OD > OI > OBL > GEN > OCOMP. (1)a José não conhece o homem que Maria deu o livro para ele. b José não conhecem o homem a quem Maria deu o livro. Essa questão intrigante, levantada por Dik (1997) e, no Brasil, por Kato (1981), aponta para uma correlação entre a possibilidade de posições relativizáveis e a facilidade cognitiva do processamento de informação, tipo de motivação ao qual este trabalho pretende fornecer parâmetros explanatórios. Tarallo (1983) tem sido referência obrigatória para quem se interessa por estudar a oração relativa no português do Brasil, tendo inspirado outros trabalhos sobre as estratégias de relativização, como os de Longo (1994), Kato (1996) e Kato, Braga et alii (1996). Esses estudos que se seguiram ao de Tarallo (1983) – bem como o próprio – enquadram-se no paradigma gerativista. Propomos aqui uma abordagem para o mesmo fenômeno sob uma perspectiva funcionalista, o que implica extrapolar os limites do fenômeno para além do nível morfossintático, considerando como relevantes motivações pragmáticas e semânticas, segundo Hengeveld e Mackenzie (2008). Ademais, propomos ampliar o escopo para além da função de modificação, típica das restritivas, incluindo a função de ato discursivo, típica das não-restritivas. Examinaremos a hipótese de que as estratégias de relativização em uso nas diferentes variedades lusófonas não são variantes, ou formas distintas de dizer a mesma coisa, conforme sustenta Tarallo (1983), mas diferentes estratégias para diferentes propósitos comunicativos. Os dados de base foram recolhidos da amostra do Projeto Português Falado - Variedades Geográficas e Sociais, desenvolvido pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa – CLUL (2009). Das quatro estratégias reconhecidas por Keenan (1985) e Comrie (1989) - (i) de lacuna, (ii) retenção pronominal, (iii) pronome relativo ou padrão e (iv) não-redução –, o português dispõe da estratégia de pronome relativo, da estratégia de retenção pronominal. As posições estatisticamente mais suscetíveis de relativização hierarquizam-se assim: SU > OD > OBL > OI > GEN, isso dá um quadro comparável

em frequência com a HA de Keenan e Comrie (1977). Uma razão para que OBL ultrapasse em frequência OI nos dados é a de que essa posição sintática compreende complementos verbais de verbos preposicionados e circunstanciais em geral. Os dados sugerem que as cortadoras e as copiadoras incidem predominantemente sobre a relativização dessa posição. De OI > GEN, é possível pouca generalização, em função da redução de significação das frequências de uso, mas o fato de a relativa padrão incidir majoritariamente sobre as posições de SU e OD indica uma distribuição funcional: o emprego da estratégia de pronome relativo seleciona as posições de SU e OD, enquanto o uso da cortadora e da copiadora seleciona a posição de OBL.

PALAVRAS-CHAVES: estratégias, lusófonas, não-restritivas, relativas, restritivas

A INFERÊNCIA NOS PROCESSOS DE CATEGORIZAÇÃO NA FALA DE ADOLESCENTES

ROSA MARIA A NECHI VERCEZE¹

¹UNIR - Fundação Universidade Federal de Rondônia

Este estudo procura abordar que na produção discursiva o falante prevê inferências, de maneira que deixa implícitas certas partes do texto, pressupondo que tais lacunas são preenchidas pelo seu interlocutor através do conhecimento prévio. Para tanto, o objetivo é realizar uma abordagem que mostre a constância de instabilidade das categorias observável particularmente no discurso oral, manifestando-se em todos os níveis da organização linguística e abrangendo das construções sintáticas às configurações de objetos-de-discurso. O aporte teórico baseia-se nos trabalhos de Marcuschi (2000) em que ressalta ser o mundo no discurso oral um efeito de estruturação da atividade discursiva realizada pelos procedimentos de desenvolvimento tópico e pela construção de objetos-de-discurso, o que torna necessário observar como categorizamos discursivamente o mundo. Mondada e Dubois (2003) que postulam ser a instabilidade das categorias situada em práticas dependentes de processos de enunciação e de atividades cognitivas. Constituem práticas em que os sujeitos negociam na interação uma versão provisória contextual e coordenada do mundo. Para esses últimos autores os protótipos são construções dinâmicas e não só representações estabilizadas, estocadas na memória. O sistema cognitivo constrói, com o auxílio dos protótipos, as invariantes



psicológicas que dão estabilidade para as interpretações que os indivíduos fazem do mundo ao representar as categorias pela linguagem. Koch (2004) enfatiza que as formações de categorias dependem de nossas capacidades perceptuais e motoras, sobretudo as que se encontra no nível básico proposto por Rosch (1976). Uma categoria prototípica ou estereotípica é primeiramente considerada a base mais disponível e compartilhável para a comunicação; em seguida, são operadas modificações que fazem a entidade passar de um ponto central de seu domínio semântico para um ponto periférico, ou que provoca uma recategorização. Barcelona (1997:9) os significados não existem independentemente dos indivíduos que os criam e os utilizam. As formas linguísticas não são inerentes em si mesmas, atuam como sinais de ativação de significados que residem na mente. A análise constitui-se de uma situação de diálogo da fala de adolescentes retirada de minha tese de doutorado, defendida em agosto de 2009, pela qual procuramos estabelecer uma relação com as categorias nominais / pronominais selecionadas no diálogo para apontar que nem sempre as escolhas linguísticas das categorias (representadas linguisticamente) possuem uma retomada ou antecedente explícito no texto, havendo, portanto, a necessidade de resgatar as experiências sócio-históricas e culturais dos falantes para a atribuição de sentidos mediante processos cognitivos por meio de inferências. A pesquisa indica que através dos processos de categorização, as categorias evoluem, distanciando-se dos protótipos, ou seja, do nível básico que as compõem. Uma imagem mental genérica é formada por intermédio do nível básico para representar as categorias em níveis mais periféricos, ocasionando as flutuações dos níveis para uma extensionalidade sem parâmetros, mas que constroi definições precisas e suficientes. Os protótipos são compartilhados entre os falantes na comunicação linguística, tornando-se, por conseguinte, um objeto social quando de sua evolução para uma representação coletiva. O sujeito constrói o mundo no curso de suas atividades sociais e lhe atribui a estabilidade necessária através das categorias manifestadas no discurso.

PALAVRAS-CHAVES: categorização, protótipos, instabilidade discursiva, inferências

TRADIÇÃO ORAL NO CONTEXTO AMAZÔNICO: A LENDA DA COBRA DO CUNIÃ

VALDIR VEGINI¹

¹UNIR - Universidade Federal de Rondônia

O propósito deste artigo é verificar se as narrativas orais remanescentes no interior do município de Porto Velho/RO podem ser utilizadas como veículo de manutenção e de divulgação da identidade étnica de seus indivíduos portadores de maneira a possibilitar o estabelecimento da identidade de grupo nas diferentes situações de mudança política e social a que se submetem. Dentre um conjunto de narrativas coletadas em trabalho de campo, na localidade conhecida como “Reserva Extrativista do Lago do Cuniã”, foi selecionada uma história que trata do mito da cobra do Cuniã, réptil lendário detentor de um poder subliminar sobre as pessoas lá residentes. Do ponto de vista teórico, esse exercício se ajusta ao que diversos autores chamam oralidade secundária visto se tratar de autor pertencente a uma comunidade já afetada pela escrita ou por sua verbalização. A mensagem contida na narrativa foi interpretada a partir das propostas de autores como Vansina, Bruner, Labov e os realizados por Ferreira Netto contrastada com tradições orais assemelhadas, documentadas e recontadas por diferentes períodos para se verificar a correlação entre a sequência local, nacional, global com as transformações do meio oral escrito bem como com as transformações de conteúdo que envolvem um processo de “asepsia semântica” na tradição que elimina eventos narrativos política e socialmente inadequados para sua expansão às mais diferentes localidades. Da análise realizada pôde-se observar que, como se esperava, a história narrada pelo informante demonstra ser apenas um suporte para a transmissão de outras informações que não são exatamente aquelas que estão sendo contadas. Assim, abaixo da linha superficial da narrativa, o informante deixa transparecer a realidade vivencial daquela comunidade, que inclui problemas político-sociais e econômicos por ela vividos tais como a pesca predatória, a proliferação de jacarés na águas do lago, trazendo como consequência perdas humanas principalmente de crianças inocentes, e de botos, que disputa o mesmo espaço piscoso com o homem.

PALAVRAS-CHAVES: lendas e mitos, tradição oral, etnicidade amazônica, narrativas orais, literatura ribeirinha rondoniense

GÊNEROS TEXTUAIS COMO INSTRUMENTO DE LETRAMENTO ACADÊMICO

LUCIANA PEREIRA DA SILVA¹

¹UTFPR - Universidade Tecnológica Federal do Paraná



A fim de traçar um quadro teórico-analítico dos gêneros textuais como instrumento de letramento acadêmico, pretende-se relatar uma série de ações que culminaram na investigação de uma metodologia adequada ao letramento de universitários; ou seja, como dotar os acadêmicos de habilidades científico-investigativas. Reenquadrar os gêneros acadêmicos a partir do seu contexto de produção e recepção possibilita um olhar ao mesmo tempo teórico e didático, por propiciar uma análise detalhada dos gêneros que compõem a esfera acadêmica. Por outro lado, suscita, também, a transposição didática de tais gêneros por meio da elaboração de sequências didáticas. A noção de seqüência didática aqui empregada foi formulada pelos estudiosos do grupo genebrino (Schneuwly e Dolz, 2004). No Brasil, começa-se a propor o estudo dos gêneros acadêmicos por meio de seqüências; como exemplo temos os trabalhos de Machado (2004a, 2004b, 2005, 2007). A metodologia empregada na execução desta proposta foi a documental e a pesquisa-ação. A documental foi utilizada na recensão bibliográfica acerca dos temas em tela; já a pesquisa-ação ocupou-se da elaboração de seqüências didáticas e sua posterior aplicação. Tratando especificamente da realização da pesquisa, num primeiro momento, foi necessário identificar os principais gêneros acadêmicos que circulam no nível superior. Esse levantamento inicial resultou numa seleção dos gêneros mais presentes no domínio discursivo em questão. Em princípio, destacamos a hipótese de que os gêneros mais solicitados nessa esfera social sejam o resumo, o projeto de pesquisa, o artigo científico, o painel pôster ou banner e o relatório. Na seqüência, foi realizada uma coleta de textos exemplares do(s) gênero(s) selecionado(s) que serviu para a análise do gênero e a identificação de suas principais características. Nessa análise foram observados tema, estilo e construção composicional (Bakhtin, 2003); além de contexto de produção e recepção. Em relação ao estilo, por exemplo, pretendeu-se identificar os elementos lingüísticos responsáveis pela constituição do texto e por sua eficácia comunicativa. De posse de uma descrição minuciosa dos gêneros acadêmicos, pode-se passar à transposição didática, que é a transferência de gêneros acadêmicos em circulação social (real) para objetos de ensino. Nessa transposição, por meio da elaboração de seqüências didáticas, devem ser observados o público-alvo e suas especificidades (ensino superior, instituição, curso, turno, período). A próxima etapa trataria da aplicação das seqüências didáticas elaboradas. Finalmente faz-se necessária a apuração dos resultados: as seqüências didáticas elaboradas foram eficazes no processo de letramento acadêmico? Os discentes participantes do grupo de controle demonstraram a apreensão desse instrumento (por intermédio da avaliação de produções escritas)?

PALAVRAS-CHAVES: gêneros textuais, letramento acadêmico, projeto de pesquisa

A PALAVRA COMO SIGNO IDEOLÓGICO: A RELAÇÃO DIALÓGICA TENSA ENTRE DUAS VISÕES DE JUSTIÇA EM UM MANUAL DE INICIAÇÃO EM JUSTIÇA RESTAURATIVA

ANA BEATRIZ FERREIRA DIAS¹

¹UFSCar - Universidade Federal de São Carlos

Como um novo paradigma, a justiça restaurativa fundamenta-se em uma cultura de paz, oferecendo meios alternativos para a resolução de conflitos que podem ser aplicados não apenas no campo jurídico, mas também no comunitário, educacional e familiar. A partir disso, buscamos responder, com este estudo, a seguinte pergunta: no contexto brasileiro, como os atores sociais são representados linguisticamente em um manual didático voltado para a formação de agentes sociais capazes de coordenar práticas de justiça restaurativa? O objetivo principal deste trabalho é analisar as formas de representação dos atores sociais expressas em um manual de justiça restaurativa. Para tanto, tomamos como corpus o manual *Iniciação em Justiça Restaurativa: subsídios de práticas restaurativas para a transformação de conflitos* (2006), utilizado nas atividades de formação do projeto gaúcho *Justiça para o Século 21*. Selecionamos para a análise linguística os enunciados do manual que pertencem a um roteiro destinado a orientar a realização de Procedimentos Restaurativos, pelo viés das teorias de gêneros discursivos. Com base nos pressupostos bakhtinianos, analisamos as formas linguísticas inseridas em determinado contexto sócio-histórico. Realizamos uma análise sócio-histórica do contexto mais imediato e do mais amplo que envolve a produção do manual e analisamos as formas de representação dos atores sociais com base nas categorias elaboradas por van Leeuwen (1997). Por meio deste estudo, verificamos que as escolhas linguísticas, produzidas em dado contexto, refletem uma tensão dialógica entre realidades distintas. A análise mostrou que as representações dos atores sociais apontam, na maioria das vezes, para uma realidade construída de acordo com os ideais do paradigma restaurativo. Contudo, certas representações distanciam-se desses ideais. A nosso ver, a linguagem revela que a justiça restaurativa, durante esse seu período inicial de implantação, vem dialogando com outras visões de mundo, como uma tentativa de estabelecer-se como um paradigma. Na concretude viva da interação verbal do manual, notamos a natureza de todo e qualquer enunciado: o diálogo com outros tantos enunciados que corresponde ao encontro entre visões de mundo, crenças e horizontes



axiológicos. Como lembram Bakhtin/Voloshinov (1990), é justamente esse entrecruzamento entre índices de valor que torna a palavra enquanto signo ideológico viva, móvel, capaz de indicar toda e qualquer transformação social. (Apoio: CAPES) Referências: BRANCHER, L. N. Iniciação em Justiça Restaurativa: Subsídios de Práticas Restaurativas para a Transformação de Conflitos. Porto Alegre: [s.n], [2006]a. BAKHTIN, M.; VOLOSHINOV, V. N. Marxismo e Filosofia da Linguagem. 5. ed. São Paulo: HUCITEC, 1990. VAN LEEUWEN, T. A representação dos actores sociais. In: PEDRO, E. R. (Org.). Análise crítica do discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional. Lisboa: Caminho, 1997, p. 169-222.

PALAVRAS-CHAVES: linguagem, atores sociais, justiça restaurativa

ATIVIDADES DE RECATEGORIZAÇÃO E REFERÊNCIA EM NARRATIVAS ORAIS POPULARES: IMPLICAÇÕES SOCIOCOGNITIVAS NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO TEXTO

HELIUD LUIS MAIA MOURA¹

¹UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas

Este trabalho tem por objetivo apresentar um estudo acerca da recategorização e da referência em narrativas orais populares da Amazônia, levando em conta estratégias sociocognitivas mobilizadas no processo de construção do texto das citadas narrativas. Assim, tendo como fundamento os pressupostos teórico-metodológicos da Lingüística Textual discutidos por Koch (1991), Koch (1997), Koch (2001), Koch (2005), Koch (2006a), Koch (2006b), Koch (2008), assim como pelos estudos de semântica e sociocognição propostos por Marcuschi (2006), Marcuschi (2007a), Marcuschi (2007b), Marcuschi (2008), Morato(2005), Feltes (2007) e ainda por Tomasello(2003), Goffman(1974), Bauman(1991) e Hanks(2008), dentre outros autores ligados às ciências cognitivas e aos estudos culturais, as análises em questão têm mostrado que as narrativas, objetivo do presente trabalho, são construídas com base em fatores sociocognitivos de âmbito cultural, os quais se manifestam direta ou indiretamente na materialidade lingüística dessas histórias. No terreno da Lingüística Textual, Koch (2001) postula que a referência

constitui uma atividade cognitivo-discursiva e interacional, colocada em curso por sujeitos sociais no quadro de um conjunto de fatores de natureza também social. Logo, os referentes não são “coisas” do mundo extra-mental ou puramente factual, mas objetos de discurso, construídos durante a atividade lingüística. Por esse ângulo, Koch (Op. Cit.) afirma que, na reativação de referentes textuais, a seleção dos elementos lingüísticos tem um papel preponderante no processo de textualização. Esse procedimento discursivo envolve estratégias de (re)categorização desses referentes, diretamente atrelados ao tipo de atividade sociocognitiva e com as maneiras através das quais essa atividade se concretiza em termos pragmáticos e sócio-interacionais. Para Marcuschi (2006), estratégias de enquadre, textualização e referenciação têm a propriedade de determinar domínios referenciais conduzidos discursivamente para construir configurações mais amplas, ultrapassando-se a simples coesão de elementos linearizados, seja por processos anafóricos ou outras ligações seqüenciais locais, gerando formações mais abrangentes e de longo alcance. Utilizo, para efeito desta análise, uma narrativa referente ao boto, a qual consta de um corpus constituído de 30(trinta) narrativas orais, coletadas em diversas comunidades campesinas do interior da Amazônia, sobre as seguintes entidades míticas e fenômenos: boto, cobra Grande, matintaperera, curupira e assombrações. Os informantes são pessoas de várias faixas etárias e residem, por muito tempo, nas localidades nas quais a coleta tem sido realizada. A partir das hipóteses iniciais e das análises prévias ainda em curso, é possível verificar diferenças na construção da referência dessas entidades, o que vem implicar diversos modos de categorizá-las, levando em conta os domínios referencial-culturais e sociocognitivos em jogo nessas narrativas. Em termos de domínios de referência e (re)categorização, as entidades míticas em estudo indicam ou expressam as relações sociais específicas das comunidades das quais essas histórias foram extraídas. Tais relações são reguladas por convenções culturais mais ou menos estabilizadas, no entanto, tais convenções nem sempre se expressam diretamente através das interações quotidianas, mas podem ser visibilizadas em nível de materialidade lingüística nas histórias em análise, seja por indiciamento lexical, por processos de metaforização, como por mecanismos metonímicos ou meronímicos.

PALAVRAS-CHAVES: lingüística textual, semântica cognitiva, referenciação, recategorização, cultura



OS GÊNEROS TEXTUAIS NO VESTIBULAR DA UFPR

JOSÉLIA RIBEIRO¹

¹UFPR - Universidade Federal do Paraná

O ensino, hoje, quando trata da análise de textos, de leitura e produções textuais, se pauta nas reflexões e considerações a respeito dos gêneros textuais, os quais são tratados como objeto de ensino de leitura, compreensão e produção de textos escritos e orais. Como consequência, é prática, nas provas de produção de texto da Universidade Federal do Paraná, o candidato ser exposto aos mais variados gêneros textuais e, a partir dessa exposição, ele se vê obrigado, para compor seu texto, a fazer o reconhecimento dos gêneros apresentados e/ou produzir um determinado gênero. Acredita-se que o candidato, egresso do Ensino Médio, esteja apto o suficiente para dominar diferentes gêneros textuais que circulam mais comumente em seu universo no dia a dia. Artigo de opinião, gráfico, charge, poema, editorial, entrevista, tira, infográfico, reportagem, sentença judicial, resumo, esses são alguns dos gêneros que servem de base para que os candidatos produzam seus textos na prova de produção e compreensão de textos. O objetivo deste trabalho é, por meio de uma análise dos gêneros textuais constantes na prova de produção textual da UFPR, verificar quais gêneros se mostram mais complexos (difíceis) para os candidatos a uma vaga nessa instituição. Para essa verificação, será tomada para estudo uma prova do vestibular dos últimos anos. Por meio de um levantamento estatístico, será feita a análise dos resultados de cada proposta constante na prova para determinar em quais gêneros os candidatos demonstram maior deficiência. Serão verificadas as médias obtidas pelos candidatos que realizaram a prova como também as médias dos candidatos aprovados. Tendo por base os dados, analisar-se-ão textos escritos pelos próprios vestibulandos, tomando-se como referência as características dos gêneros em questão. Com isso, pretende-se verificar o que possivelmente motiva problemas aos candidatos e apontar caminhos para solução desses problemas. A base teórica para o desenvolvimento deste trabalho será constituída dos seguintes autores: Bakhtin (1992), Scheneuwly e Dolz (2004) e Marcuschi (2005).

PALAVRAS-CHAVES: gêneros textuais, produção de texto, redação de vestibular, resumo escolar, vestibular UFPR

DOCUMENTÁRIO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: UMA FANTASIA QUE SE TORNA REALIDADE OU UMA REALIDADE QUE SE TORNA FANTASIA?

MARCI FILETI MARTINS¹

¹UNISUL - Universidade do Sul de Santa Catarina

O trabalho pretende aproximar dois temas: o documentário e a divulgação de ciência. Nessa aproximação, ressalto a complexidade do documentário enquanto um gênero narrativo, a qual se evidencia tanto pela diversidade de temas, estilística e técnicas, quanto pelas inúmeras tentativas de formular modelos explicativos para esse gênero. Além disso, um outro elemento vem somar-se a essa questão: a linha limítrofe que separa o filme de ficção do documentário parece estar se diluindo. Dito de outro modo, a diferença entre o que é documentário (representação do real) e o que é ficção (interpretação do real) não se constitui tão nitidamente na atualidade. Por seu turno, a divulgação de ciência, notadamente o jornalismo científico (JC), que imaginariamente tem o compromisso com facilitação da linguagem hermética e difícil da ciência devendo, portanto, transformá-la em “informação científica”, vai fazê-lo levando em consideração a memória da ciência que, se constitui pela aceitação peremptória do fenômeno (real) como resultado da experimentação. O problema que aí se instaura, envolve justamente a relação entre ficção e realidade nos documentários de divulgação científica. De fato, se na atualidade a fronteira entre realidade/ficção no que se denomina documentário não está tão clara, como pensar os documentários de divulgação de ciência, em que vemos o compromisso com a “evidência inequívoca da ciência? Tendo como base teórica e metodológica o dispositivo da Análise do Discurso (PECHEUX, 1969, 1975 e ORLANDI, 1996, 1999) proponho já um recorte envolvendo a mobilização das noções de paráfrase e polissemia (ORLANDI 1999). A tensão entre o “mesmo” e o “diferente” pode ser produtiva para o entendimento da demarcação que garante ao sujeito fazer por um lado uma “suspensão da incredulidade” (nós sabemos que se trata de uma história fictícia, mas nos dispomos a acreditar nela)”, e por outro uma “ativação da credulidade” (nós pressupomos que se trata de uma situação verdadeira e somos instados a processá-la como tal)” (DA-RIN, 1995, p. 142). A partir disso, busco questionar se o necessário ajuste da (in)credulidade feito pelo sujeito, ajuste este que lhe permite regular a emergência do que é documental e do que é ficcional está também



se desvanecendo quando ele produz sentidos sobre ciência através do documentário. Um outro recorte, agora do corpus, se dá a partir da escolha de dois audiovisuais considerados exemplares para a discussão: o filme “Bruno”, de 2009, dirigido por Larry Charles, e o documentário “Dragões: uma fantasia que se torna realidade” exibido no canal de TV a cabo, Discovery Channel, em março de 2006.

PALAVRAS-CHAVES: divulgação científica, documentário, análise do discurso

DA GOZAÇÃO À ADMIRAÇÃO: O PERCURSO DO DISCURSO MIDIÁTICO DA GLOBALIZAÇÃO NO NOVO PERFIL DA HQ MONICA JOVEM

PLINIO PEREIRA FILHO¹, PETRÔNIO FERNANDES BELTRÃO¹, WELLINGTON LOPES DOS SANTOS¹

¹UFPB - Universidade Federal da Paraíba

As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Elas tem a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos (Stuart Hall). Esta pesquisa desenvolveu considerações sobre os personagens das histórias em quadrinhos de “A Turma da Mônica e Mônica Jovem” (Estilo mangá) com o objetivo de analisar as movências de identidades e de discursos dos personagens em duas versões dos quadrinhos de Mauricio de Sousa. A primeira, Monica e sua turma são envolvidas pelo universo infantil – ainda que repleto de preconceitos; enquanto, na segunda, a turma é apresentada como adolescentes que apresentam modernos padrões de beleza e de comportamento. As referências teóricas do trabalho foram subsidiadas através dos pressupostos epistemológicos da Análise do Discurso, ora através das relevantes pesquisas das identidades modernas por Zigmund Bauman ora nas contribuições de Stuart Hall na interpretação da cultura na pós-modernidade, da teoria do Discurso, da literatura infantil, de modo geral, e, em especial, às histórias em quadrinhos. A partir da seleção do corpus (A turma da Monica e Monica Jovem) – capas, posteres, layout dos quadrinhos – pôde-se selecionar e analisar como estes discursos e estas identidades migraram para novas significações. A discussão e sistematização dos dados permitiram perceber que houve uma atualização do discurso que transcorre da desconstrução de estereótipos que se caracterizavam

como marcas negativas a alguns personagens para a construção estilizada de padrões modernos de comportamento advindos das tecnologias (notebook, celulares, mp4), dos novos espaços físicos (shopping, escola, clubes), dos vestuários (roupas de grifes, calçados), bem como da linguagem empregada (gírias, vocabulário dos jovens atuais). Os enunciados que se cruzaram e dialogaram nesta pesquisa nos permitiram interpretar a relação entre o sentido e a memória, o discurso e a história, valores e atitudes presentes nas culturas atuais e nas marcas identitárias que dela são dependentes.

PALAVRAS-CHAVES: história em quadrinhos, identidade cultural, análise do discurso, memória discursiva, comportamento

NARRATIVAS DE GALPÃO: ENUNCIÇÕES EMERGENTES DA SUBJETIVIDADE GAÚCHA

GEANE VALESCA DA CUNHA KLEIN¹

¹UNIR - Universidade Federal de Rondônia

Neste estudo são estudadas as lendas e contos gauchescos, sob a ótica da análise do discurso a fim de explicitar as formas de presença da subjetividade e da alteridade em tais suportes. Os textos analisados são considerados como formas da narrativa de galpão (NG) e deles são recortadas sequências discursivas que privilegiam o discurso relatado (DR), com a finalidade de mostrar como o sujeito gaúcho se constitui, mediante as maneiras de estruturar o DR, numa fala heterogênea, pela dominância do estereótipo. O objetivo é evidenciar como se constrói a identidade do gaúcho através dos discursos materializados por textos que são repetidos e mantidos na memória. Mas ao contrário de vislumbrar uma evidência, a análise do material demonstra que ao se constituir, ao referir-se a si, segundo certos processos de identificação, o eu da enunciação necessita subjetivar-se em meio às múltiplas formas de subjetividade para chegar a fixar uma. Para definir qual é essa “identidade” gaúcha são analisadas as enunciações emergentes desta subjetividade, tendo em vista que a estereotipia é a principal estratégia discursiva dos discursos do e sobre o gaúcho. Como os causos se fundamentam em algo acontecido, vivenciado e que remontam a tempos históricos exemplificados por “fatos” que justificam a veracidade, se naturaliza grande parte do que é produto da história, passando-se a criar a partir daí toda uma nova história tradicionalista, sob a qual impera a figura (re) conhecida como sendo gaúcha. Conforme as análises



realizadas, os paradigmas identitários são construídos nas NG através da absolutização de posições: o sujeito vive constantemente a sensação de estar contra a parede sem saída, diante um destino imodificável que só encontra limites na resignação ou no suicídio. Para relativizar um pouco as posições, o sujeito busca no humor, em Deus, no orgulho ou na honra formas de conviver com o emparedamento, superar os infortúnios da vida, e cultivar com alegria as tradições. Tal sujeito vive, ainda, uma ambiguidade de sentimentos de um orgulho que mascara e, por outro lado, de uma verdade que se faz sobre uma origem mítica.

PALAVRAS-CHAVES: narrativas gauchescas, subjetividade, estereótipo

A VOZ DA MARGINALIDADE. UM ESTUDO LEXICAL DA OBRA DE PLÍNIO MARCOS

MARIA IZABEL CAVALCANTE DA SILVA¹

¹USP - Universidade de São Paulo

OBJETIVO Através da análise do vocabulário empregado por Plínio Marcos no texto teatral “Homens de papel”, pretende-se compreender seu posicionamento frente aos diversos conflitos sociais de sua época. Através de suas escolhas lexicais buscaremos decifrar a mensagem implícita contida no coloquialismo de suas personagens, traduzindo sua consciência crítica e indignação em relação à desumanização dos marginalizados. **ORIENTAÇÃO TEÓRICA** Amalgamamos fundamentos lexicológicos de consagrados pesquisadores, tais como Vilela (1995), Biderman (2001), Barbosa (1996), Basilio (2004) e Lobato (1977). Valemos dos conceitos da Análise Crítica do Discurso, especialmente dos estudos de Van Dijk (2003) a respeito da polarização dos grupos sociais que se dissemina nas escolhas discursivas, O quadrado ideológico proposto por Van Dijk (2003), sugere polarizar as relações entre nós e o outro da seguinte maneira: enfatizar nossos aspectos positivos, omitir nossos aspectos negativos, enfatizar os aspectos negativos do outro e omitir os aspectos positivos do outro. **METODOLOGIA** Inicialmente procurou-se realizar um aprofundamento teórico através de pesquisa bibliográfica sobre o léxico. Iniciou-se o levantamento do léxico atualizado nas obras e integrante do campo semântico das relações de poder no texto “Homens de papel”, conforme pode-se ver no quadro abaixo: **DESQUALIFICAÇÃO DO OPRESSOR** Ele que te desgraça. Esse cara há de morrer leproso. Unha de fome! Morfético! Nojento! Cara ruim de doer! Tem cara de corno manso. Fedorento. Ele é a peste.

Não vale a comida que come. É um filho-da-puta. **QUALIFICAÇÃO DO OPRESSOR** Não sou cego. Tenho um arreglo com os caras lá da fábrica. Dou sempre um come-quieto pro sujeito que compra o papel. Se falar pra ele não comprar de alguém, ele não compra mesmo. Assim, me cubro de sacanagens. Não sou nenhum moleque pra escutar gracinha. Sou muito legal. Arrebento essa vaca. Eu ferro esse miserável. Eu sei das coisas. **DESQUALIFICAÇÃO DO OPRIMIDO** É que tu ta podre. Pensa que cachaça sustenta? Se começar a me aporrinhar, te risco da lista. Já enjoei da tua fuça. Tu e essa gente são uns vadios. Eta raça ruim. Porco, sem-vergonha! Tu não é de nada O chifre, tu já tem. Tu só sabe me azucrinar. Esses desgraçados não chegam. Se tu mais essa corja não fossem uns vagabundos, podia ir. Arrebento essa vaca. Eu ferro esse miserável. Canalha! Nojento. Na hora de provar, afina. Puta invejosa! Que mulher mendiguenta! Tá podre... **QUALIFICAÇÃO DO OPRIMIDO** Não bebo. Nós, que é de catar cinco, catou só dois. Trabalho não me mete medo, não senhor. Ela trabalha como um homem. Ele não é homem de aturar desaforo! Em etapa seguinte, desenvolvemos a seleção do léxico e o organizamos em novos campos semânticos. Através da escolha lexical de Plínio Marcos, analisamos as relações de poder na sociedade. Através do estudo do texto identificamos não apenas uma, mas três relações de poder nitidamente marcadas, sendo elas: a) Berrão (opressor) / Catadores (oprimidos); b) Homens (opressores) / Mulheres (oprimidas); c) Catadores (opressores) / Catadores (oprimidos). Através deste estudo pudemos então constatar a formação de subgrupos opressores dentro de um grupo de oprimidos.

PALAVRAS-CHAVES: análise crítica do discurso, campos semânticos, lexicologia

A LÍNGUA LATINA: UM RIO QUE FLUI POR BAIXO DE UMA CAMADA DE GELO

ANA MARIA DA SILVA NUNES ANA¹

¹UESPI - Universidade Estadual do Piauí

O léxico da Língua Portuguesa, na sua variedade brasileira, vive em constante expansão. A nomeação dos seres novos que surgem a cada dia resultantes da ação criadora do homem; a renomeação de outros, como decorrência de uma maneira de os falantes escreverem e perceberem as inovações do mundo que os cercam são muitas vezes expressas por palavras que têm bases latinas. Léxico, neste trabalho,



será entendido como todos os termos de origem vernácula, os cultismos e os empréstimos que se formam na língua portuguesa. Já unidades lexicais são definidas como unidades lingüísticas em contexto. O léxico de uma língua tem três maneiras de adaptar-se a situações novas: câmbios semânticos, empréstimos e formação de palavras. No caso da portuguesa, há uma tendência para recorrer-se aos empréstimos, na hora de nomear-se um novo ser que surge. Corroborando com o que se está afirmando, modernamente encontram-se academias de práticas esportivas, cujos nomes pertencem ao jargão do culto ao corpo, tão vigente nestes tempos modernos. E o latim tem entrado na composição de sintagmas nomeadores de seres, de estabelecimentos comerciais inclusive, como há de atestar o corpus aqui trabalhado. Partindo dessa assertiva objetivamos com esta pesquisa averiguar a presença de palavras latinas nas páginas amarelas da Lista Listel Piauí- 2009. Para realização desta pesquisa partimos das leituras dos teóricos que tratam desse assunto, dentre eles, Elia (1979), Silva Neto (1977) e Coutinho (1976). Depois de feitas as leituras bibliográficas, iniciamos a tarefa de compor o corpus desta pesquisa, ocasião em que foi feito o inventário das palavras latinas que estão presentes no léxico que nomeiam as empresas do Piauí presentes na Lista Listel- Classificada - 2009. Para melhor qualificar este trabalho adotamos a análise a partir de pesquisas bibliográficas e de campo. Ao final, constatamos que a língua latina está muito presente nas escolhas que são feitas para nomear as empresas piauienses.

PALAVRAS-CHAVES: Língua Latina, Lista Listel Piauí - 2009, Léxico, Base Latina, Empresas

ASPECTOS TOPONÍMICOS E A LUSOFONIA LEXICAL EM NOTÍCIA DO BRASIL DE GABRIEL SOARES DE SOUSA

GENÉSIO SEIXAS SOUZA¹

¹UNEB - Universidade do Estado da Bahia

O trabalho pretende um breve demonstrativo dos registros toponímicos inscritos no manuscrito quinhentista Notícia do Brasil de Gabriel Soares de Sousa, sendo o *corpus* constituído de 270 capítulos segmentados em duas partes, onde 74 capítulos da Parte I dão-nos um <> sobre a costa do Brasil com largas e importantes referências à sua divisão administrativa e os 196 restantes da Parte II, registra aspectos da gênese da *cidade*

da *Baía*, onde apresentar-se-á brevemente alguns elementos lexicais representativos da toponímia de origem portuguesa e indígena. Tendo o *Roteiro Geral com largas informações de toda a costa que pertence ao Estado do Brasil e a descrição de muitos lugares della especialmente da Bahia de Todos os Santos* um vasto campo semântico que, no escopo do inventário lexicográfico, abarca as múltiplas denominações onomásticas no que tange às especificações do delineamento geomórfico da linha costeira marítima da *Carreira do Brasil*, bem como referências à gênese da *Baía*, colige aspectos que validam a obra notável de Gabriel Soares, tida como a “enciclopédia do século XVI”. O rigor da descrição, até onde, na época, era possível, é que torna este documento verdadeiramente notável, alçando Soares de Sousa ao patamar de um autor dotado de um espírito científico espantoso para a sua época. A compilação dos dados registrados, que compõem o glossário, mostra um pequeno recorte da minha tese de doutoramento, que objetiva destacar, confrontar e comentar a passagem de um designativo comum de língua à categoria de topônimo, como resultado de um mecanismo espontâneo de nomeação, embora motivado externamente pelas conjunções do meio. Buscando uma metodologia que comporte um ordenamento através das taxonomias toponímicas, utilizam-se os geomorfotopônimos, designação em que se acham situadas as formações litorâneas, dado à natureza do código em estudo e da terminologia específica dos acidentes geográficos assinalados. Perseguindo a mudança toponímica que possa ser identificada através de uma interface entre o séc. XVI e o momento atual, procurar-se-á situar no *Tratado* e nos documentos cartográficos dos séculos posteriores, todas as substituições que se efetivaram no decorrer dos séculos, ou seja, numa perspectiva histórico-diacrônica.

PALAVRAS-CHAVES: Semântica, Lexicografia, Lexicologia

“ECOZÔNIA” ECOLINGÜÍSTICA: CONTEXTUALIZAÇÃO DA TEORIA NOS ÂMBITOS LOCAL, NACIONAL E INTERNACIONAL

LUCIANA FABIANO DOS SANTOS UCHÔA¹

¹UNIR - Universidade Federal de Rondônia

Introdução: Sob a perspectiva da teoria Ecolingüística para uma inclusão social, a “Ecozônia” pesquisa que tipos de relações com o meio



ambiente são identificados na linguagem e no discurso acadêmico. Além de considerar o meio ambiente acadêmico, pesquisa as relações da linguagem quando essa linguagem aborda assuntos sobre a preservação do meio ambiente. Neste caso considera as relações da linguagem com o meio ambiente físico. Dada a urgência de estudos e pesquisas voltados para a temática da preservação ambiental e desenvolvimento regional, constitui-se área importante e tema atual de interesse global. **Objetivos:** Neste tratado pretende: 1. Em curto prazo, situar a teoria Ecolinguística no âmbito local, no Brasil e no mundo. 2. Em longo prazo, demonstrar a aplicabilidade das bases da teoria Ecolinguística e do método ecolinguístico na pesquisa de diferentes fenômenos linguísticos. 3. Ainda em longo prazo, indicar as principais manifestações lingüístico-acadêmicas de valorização da linguagem voltadas para preservação do meio ambiente; 4. Produzir um quadro corpora-lingüístico da influência discursiva, ou não, da Universidade, no desenvolvimento regional da Amazônia local. 5. Apontar quais variantes da linguagem acadêmica refletem o compromisso, ou não, da Universidade, com uma análise da Inclusão Social, relacionada ao meio ambiente. **Metodologia:** os procedimentos adotados na coleta, organização e interpretação dos dados constam de levantamentos em fontes primárias e estudos exploratórios bibliográficos como fontes secundárias. A investigação e a abordagem interdiscursiva são orientadas por referenciais teórico-metodológicos da “Ecolinguística”: teoria inserida e defendida no Brasil pela primeira vez em 2007, pelo Mestre em Linguística e Dr. em Fonética e Fonologia, Prof. Hildo Honório do Couto. O conjunto abrange uma pesquisa de cunho qualitativo. **Resultados:** Os resultados encontrados são parciais, por enquanto, a constatação mais relevante é a afirmação de que o Ecosistema Fundamental da Língua – EFL defende a seguinte idéia: “Entre língua (L) e meio ambiente físico (T) não há uma relação direta. Essa relação é sempre filtrada por (P), ou seja, pelos criadores e usuários da língua.”

PALAVRAS-CHAVES: Ecolinguística, Universidade, Inclusão social na Amazônia

REPRESENTAÇÃO E IDENTIDADE EM SITUAÇÃO DE CONTATO LINGÜÍSTICO PORTUGUÊS - TIKUNA: UM ESTUDO SOCIOLINGÜÍSTICO NO SUDOESTE AMAZONENSE

EDSON SANTOS DA SILVA JÚNIOR¹

¹UEA - Universidade do Estado do Amazonas

A diversidade de situações de multi/bilingüismo no Brasil evidenciam contextos sociolingüísticos, socioculturais e sócio-históricos riquíssimos, ressaltados ainda mais quando se trata do contato de/ entre línguas autóctones. Diante de tal perspectiva, capaz de revelar traços da real complexidade lingüística que envolve as situações descritas, surge o interesse por investigar, na esteira desse contato lingüístico, como as diferentes línguas se relacionam, se cruzam e significam nesses contextos. Destacando ainda, a extrema relevância em considerar, em estudos desta natureza, as relações focadas na tríade: ação verbal, sistema lingüístico e ideias do senso comum que os falantes têm sobre a língua e sobre o mundo social do qual fazem parte. Com este enfoque e considerando o cenário do contato lingüístico entre o português e o tikuna, em uma aldeia indígena da cidade de Benjamim Constant (AM), a presente pesquisa se propõe a investigar fenômenos concernentes a representações lingüísticas de um grupo de professores indígenas bilíngües (das etnias tikuna, kokama, cambeba e caixana) e suas correlações com a (des)construção da identidade étnica, bem como com os impactos sobre a gestão do ensino bilingue já implantado. O cerne do estudo é a relação estabelecida entre a identificação das representações do status lingüístico *in loco* e das atitudes sociolingüísticas dos sujeitos envolvidos na pesquisa, a fim de sustentar as reflexões e questionamentos acerca da implantação de políticas lingüísticas adequadas, que sejam eficientes e possibilitem a segurança dos valores culturais desses povos em contexto de minoria lingüística. A investigação baseia-se em vasto e relevante referencial teórico constituído no campo de estudos sociolingüísticos clássico e contemporâneo, com ênfase nas temáticas de línguas de/em contato e política e planejamento lingüístico, dentre os quais podemos citar apontamentos de Ferguson (1959), Fishman (2001), Savedra (2009), Calvet (2001) e Cavalli (2003). Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de cunho etnográfico, utilizando-se como instrumentos de coleta de dados: entrevistas, aplicação de questionários semi-estruturados, observação participante e análise documental.

PALAVRAS-CHAVES: Educação bilíngue, Identidade, Línguas em contato, Política lingüística, Representação lingüística

ATITUDES LINGÜÍSTICAS NAS FRONTEIRAS DO ACRE

ODINEIDE FARIAS DE OLIVEIRA¹

¹UFAC - Universidade Federal do Acre

Promover uma articulação eficaz entre os diversos atores/identidades coletivos (distintas comunidades lingüísticas e culturais, diferentes instituições dos Estados Nacionais e suas dimensões regionais, e entidades supraestatais) e os projetos que os envolvem configura uma tarefa fundamental para as políticas fronteiriças voltadas aos processos de integração regional. Nessa “tensão” situo minha pesquisa, elegendo como objeto de análise as *atitudes lingüísticas* de estudantes de Brasiléia/Epitaciolândia (Acre – Brasil), fronteira com Cobija (Pando – Bolívia). É fato que os habitantes que residem nessa área de fronteira fazem, normalmente, uso ou pelo menos têm contato com duas línguas – português e espanhol. *Língua*, entendida de modo amplo, além dos aspectos formais, implica, por exemplo, as atitudes – chamadas *atitudes lingüísticas* – que os indivíduos têm em relação às línguas propriamente ditas e a seus falantes. Em outras palavras, as atitudes lingüísticas ocorrem como avaliação sociocultural por parte dos indivíduos conforme seus sentimentos (Appel e Muysken, 1996; Calvet, 2002). Em Brasiléia e Epitaciolândia – cidades acrianas localizadas na fronteira com a Bolívia –, esse fenômeno ocorre em torno do contato de português e espanhol, chamado contato lingüístico, assunto emergente quando se pensa nas relações do Brasil com os países fronteiriços, em particular a Bolívia, com estreitos laços comerciais e diplomáticos. Esse estudo teve como objetivos analisar as *atitudes lingüísticas* que estudantes do ensino fundamental e do ensino médio dessas cidades atribuem ao português e ao espanhol, e a seus falantes; refletir sobre o interesse desses estudantes por uma possível expansão do espanhol em Brasiléia e Epitaciolândia. A coleta de dados se deu mediante questionário, esse questionário foi aplicado em novembro de 2007 a 116 estudantes de duas turmas de 8ª série do ensino fundamental e de duas turmas de 3ª série do ensino médio de duas escolas: Escola Estadual Kairala José Kairala, em Brasiléia, e Escola Estadual Joana Ribeiro Amed, em Epitaciolândia. De acordo com os dados analisados, baseando-se na teoria da Sociolingüística, particularmente, nas idéias de Calvet e Appel e Muysken, um número significativo de estudantes tem atitudes negativas para com os bolivianos e mais da metade desses informantes deseja uma expansão do espanhol (na modalidade escrita) nessas cidades. Percebe-se que, em geral, os informantes – consequentemente,

brasileenses e epitaciolandenses – rejeitam a presença do espanhol e dos bolivianos em Brasileia e Epitaciolândia. Essa rejeição parece-nos ser motivada por conflitos socioculturais e econômicos (históricos ou recentes) entre brasileiros e bolivianos nessa região de fronteira. Quanto a uma possível expansão do espanhol em Brasileia e Epitaciolândia, verificou-se tanto atitudes favoráveis quanto contrárias, as quais não são condicionadas pela língua propriamente dita, mas pelo modo como os acrianos veem e se relacionam com os bolivianos.

PALAVRAS-CHAVES: Atitudes Lingüísticas, Português e Espanhol, Brasiléia/Epitaciolândia

MARCAS LINGÜÍSTICAS, MARCAS SOCIAIS E MARCAS CULTURAIS COMO INSTRUMENTOS PARA TRANSFORMAR PRÁTICAS DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS

MARIA DO SOCORRO PESSOA¹

¹UNIR - Universidade Federal de Rondônia

O presente texto visa, após investigação efetuada, difundir e popularizar, entre os cidadãos Rondonienses e Amazônicos, ou Amazônidas, as Marcas Lingüísticas, Sociais e Culturais que precisam ser consideradas para transformar as Práticas Didático-Pedagógicas nas Escolas Públicas locais. O público-alvo são professores e alunos das escolas públicas de Vilhena, tanto do Ensino Fundamental, quanto do Ensino Médio e Superior, investigando-se suas Línguas, suas Linguagens, os Saberes e os Modos de Fazer que os identificam. Pesquisar-se-á sobre as Línguas utilizadas uma vez que, nesta região, a Língua Portuguesa está em intenso contato com as línguas indígenas. Quando o projeto refere-se à pesquisa sobre as Linguagens, significa dizer que, além dos dialetos de Língua Portuguesa, trazidos por migrantes e imigrantes há, ainda, uma imensa variação dialetal resultante das falas de populações Ribeirinhas, populações remanescentes de Quilombolas, falas Índigenas, entre outras. Acredita-se que essa imensa heterogeneidade lingüística, social e cultural traz marcas culturais que, se consideradas, podem transformar as Práticas Pedagógicas do Ensino-Aprendizagem Formal, inclusive conduzindo à uma reflexão sobre os Currículos Escolares que formalizam o Ensino de Línguas nesta região. Acredita-se na “produção de referências sociais e na “transmissão de conhecimentos” como eixos articuladores de sentidos e significados para uma população de



características especiais como a que ora torna-se o objeto de pesquisa. Além disso, pesquisar as marcas identitárias de tal população pode ser uma oportunidade de contribuir para com o ensino da leitura, da escrita, da matemática, da história, e das particularidades dessas pessoas, dos seus conhecimentos, das suas sensibilidades, da sua cultura em geral, e, especialmente, dos seus Dialetos, das suas quase sempre abandonados pelos currículos do Ensino Formal de Línguas. O que este estudo pretende é comprovar que é preciso articular a vida com a escola, descrevendo e analisando os fenômenos que, com certeza, perpassam a cultura escolar desta região. Nesse sentido, esta é uma pesquisa que pretende socializar, divulgar e valorizar os sujeitos e os seus conhecimentos, pretendendo-se, finalmente, que tais sujeitos e conhecimentos tornem-se valiosos, valorados e valorizados pelas práticas escolares, particularmente pela Educação Lingüística Formal.

PALAVRAS-CHAVES: Linguística, Ensino, Ensino de Línguas

TERMINOLOGIA DO TURISMO: ANÁLISE DO TERMO “ROTEIRO TURÍSTICO”, COMO PARTE DE UM ESTUDO CONTRASTIVO ENTRE OS IDIOMAS PORTUGUÊS, INGLÊS, ESPANHOL E ITALIANO

CLAUDIA MARIA ASTORINO¹

¹DL-FFLCH/USP - Universidade de São Paulo

Esta comunicação corresponde à primeira etapa de uma pesquisa de doutorado, a qual tem como objeto de estudo a terminologia da linguagem do Turismo, em sua condição de Área do Conhecimento, mais especificamente, a terminologia da subárea de Agenciamento de Viagens e Turismo, em uma análise contrastiva, que tem como paradigma cada termo, extraído de quatro línguas modernas: português, inglês, espanhol e italiano. A investigação que aqui se apresenta, por ocasião deste Encontro, tem como base os variados termos relativos a roteiros turísticos: circuito, rota, caminho, estrada, trilha, itinerário, programa. Essa profusão de termos corrobora a tese de Sager (2003), quem salienta que nem sempre a(s) terminologia(s) se apresenta(m) transparente(s) e compreensível(eis) a todos, o que pode comprometer a eficácia da comunicação. A idéia partiu de um estudo da autora – que tem formação superior em Turismo – o qual coloca em evidência e

analisa os diversos termos relativos a roteiros turísticos que se verificam em textos acadêmicos, usados em cursos superiores de Turismo, e em folhetos de divulgação comercial produzidos por agências de turismo. Tais termos, ora apresentam equivalência, podendo ser tratados como parassinônimos, ora são usados com acepções distintas. Isso se explica porque o Turismo, por ser uma área de estudo recente, toma emprestados muitos termos: da língua geral, de outros idiomas, sobretudo do inglês, conforme apontam Lima (1990) e Carvalho (2002), e ainda, de outras Áreas do Conhecimento; Sociologia, Antropologia, Arquitetura, História, Geografia, Economia, Administração, Marketing e Ciências Biológicas. No que tange, particularmente, aos idiomas inglês e espanhol, também são analisadas as variantes européia e americana para o primeiro, e européia e argentina para o segundo, com base em estudos de Corbeil (1999). A metodologia conta de cinco etapas: 1) montagem do corpus documental, composto pelos textos acadêmicos supracitados, usados nos cursos superiores das universidades públicas do estado de São Paulo: USP, UNESP e UFSCar, como parte da bibliografia básica da disciplina “Agenciamento de Viagens e Turismo”; 2) seleção dos termos através da extração manual; 3) estruturação de uma organização de trabalho, com o auxílio de uma ficha terminológica, adaptada do modelo proposto por Barbosa; 4) validação dos termos, confrontado-os com o corpus referencial, constituído por dicionários de língua geral monolíngües; 5) comparação entre os termos. A pesquisa tem como abordagem teórica a Teoria Comunicativa de Terminologia (TCT), proposta e divulgada, nos anos de 1990, pela lingüista que integra a Escola de Barcelona, Maria Teresa Cabré. O objetivo que se pretende alcançar, ao final da pesquisa de doutorado, é a produção de um dicionário terminológico em quatro línguas: português, inglês, espanhol e italiano, destacando, também, as variantes para os idiomas inglês e espanhol, conforme já exposto.

PALAVRAS-CHAVES: Terminologia, Turismo, Roteiro turístico, Estudo contrastivo

MULTIPLICIDADE DE VOZES NA HISTÓRIA EM QUADRINHOS

VERÔNICA MARIA ELIAS KAMEL², EMILSON FERREIRA DE SOUZA¹

¹UNINORTE - Universidade Barão do Rio Branco, ²UFAC - Universidade Federal do Acre

O objetivo deste trabalho é utilizar a Teoria Polifônica da Enunciação em textos não institucionalizados. Para tanto, pretendemos analisar,



numa perspectiva discursiva, uma História em Quadrinhos (gibi), mostrando que esse tipo de texto pode ser veiculado em sala de aula com o intuito de proporcionar ao aluno um ensino/aprendizagem de maneira lúdica e criativa. Refletir o ensino dessa forma é adotar uma concepção de linguagem como forma ou processo de interação verbal. Nessa concepção, a linguagem é um lugar de interação humana; é, portanto, a relação entre os interlocutores que caracteriza a linguagem. Inicialmente, o termo polifonia foi empregado, metaforicamente, por Bakhtin (1981) quando analisou o romance de Dostoiévski. Nesse estudo, constatou que o romance de Dostoiévski está impregnado de diversas vozes, os personagens se apresentam por si mesmos, expressando diferentes visões de mundo, vários pensamentos se entrecruzam, sobrepõem-se, dialogam. Para Bakhtin, o dialogismo é o princípio básico de todo discurso, na medida em que todo discurso nos leva sempre para outros discursos, para outros textos. Nessa perspectiva, o texto não é visto como algo pronto, acabado, detentor de um único sentido; pelo contrário, é na sua incompletude que ele se constitui; sendo assim, produtor e receptor são igualmente responsáveis pela construção dos sentidos do texto. Ducrot (1987), numa perspectiva da Semântica da Enunciação, retoma a concepção de polifonia de Bakhtin e, operando num nível lingüístico, mostra que mesmo num enunciado isolado, várias vozes estão presentes. Para ele, como para Bakhtin, todo discurso é polifônico. Desse modo, Ducrot tem o objetivo de provar que mesmo num enunciado isolado, pode-se perceber a presença de outras vozes. Na realidade, sua teoria pretende provar a não-unicidade do sujeito falante, porque, para ele, não há enunciado monológico. Assim, entendemos que todo discurso se tece polifonicamente. Para Ducrot há dois tipos de polifonia: polifonia de locutores e polifonia de enunciadores. Nessa análise, pretendemos usar, predominantemente, a polifonia de locutores.

PALAVRAS-CHAVES: polifonia; discurso; texto.

LEITURA E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS: CAMINHOS RUMO À CIDADANIA

JORGE LUÍS DE FREITAS LIMA¹, SHIRLANE PANTOJA DA SILVA¹

¹UFAM - Universidade Federal do Amazonas

O projeto “Leitura e Interpretação de textos: caminhos rumo à cidadania” surgiu da necessidade de se repensar a prática de ensino da leitura e interpretação de textos no ensino fundamental no município de Benjamin

Constant-AM, em virtude das dificuldades verificadas nos alunos em fazer as leituras dos textos com os quais estão em constante contato no seu convívio social. Diante do exposto, este projeto propôs, inicialmente, uma reflexão com os professores do ensino fundamental sobre o ensino e a importância das práticas de leitura no âmbito escolar para, posteriormente, desenvolver as habilidades de leitura e interpretação de textos nos alunos do ensino fundamental na comunidade benjaminense, visando à utilização dessas habilidades como forma de intervenção crítica e, por consequência, de transformação dos modos de pensar e agir sobre o meio em que vivem. As atividades foram desenvolvidas na Central Cultural Águia Dourada, com alunos de reforço de diversas escolas municipais de ensino fundamental. Elas relacionavam-se com os conteúdos abordados em aulas na escola em que as frequentavam. Para que pudessem participar sem prejuízo no seu cotidiano escolar, foram preparadas e desenvolvidas práticas adequadas a cada idade-série. Para tanto, num primeiro momento realizou-se um diagnóstico para a identificação do nível de leitura e interpretação de textos dos alunos. As atividades pós-diagnósticas desenvolvidas com e para os alunos foram assim organizadas: leitura de gêneros textuais diversos; familiarização com os suportes de que a sociedade dispõe para divulgar a informação e o entretenimento por meio da escrita; identificação e utilização dos diversos gêneros textuais com os quais os alunos têm contato em seu cotidiano; relatos orais e reprodução desses relatos por meio da escrita; reescrita dos textos produzidos pelos alunos. As atividades de leitura e escrita foram desenvolvidas de forma coletiva e individual e levaram em consideração o “conhecimento de mundo” dos alunos, com o propósito de estabelecer a relação entre leitura, escrita e práticas sociais, numa perspectiva interdisciplinar.

PALAVRAS-CHAVES: prática de ensino, leitura, escrita, gêneros textuais, cidadania

PRÁTICAS DE LEITURA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

PRISCILA DE ARAÚJO PINHEIRO¹

¹UFAC - Universidade Federal do Acre

O objetivo deste trabalho é divulgar os resultados obtidos através de um subprojeto de Iniciação Científica, intitulado *Práticas de leitura na aula de língua portuguesa do 8º ano do ensino fundamental*, realizado de junho de 2007 a junho de 2009, como parte de uma pesquisa maior



realizada através do projeto institucional *Práticas de leitura, ensino e aprendizagem de línguas e formação de professores*, projeto guardachuva vinculado ao Grupo de Estudos em Análise do Discurso e Ensino de Línguas – GEADEL, coordenado pela Profa. Dra. Verônica Maria Elias Kamel. O intuito desse subprojeto foi investigar quais as práticas de leitura que permeiam o contexto escolar nas aulas de língua portuguesa do 8º ano do ensino fundamental; além de traçar um perfil do leitor resultante dessas práticas, comparando-o com o perfil leitor proposto pelos documentos oficiais – especificamente, os parâmetros curriculares do terceiro e quarto ciclos de língua portuguesa. Em tal documento, defende-se que a escola deve formar leitores competentes, que sejam capazes de selecionar os textos, de acordo com as suas necessidades, que saiba ler as entrelinhas, e que seja capaz de estabelecer relações entre o texto e seus conhecimentos prévios ou entre o texto e outros textos já lidos. Para tanto, realizamos a análise a partir de entrevistas com o professor e com os alunos, e de gravações das aulas de língua portuguesa em uma turma de 8º ano do ensino fundamental, da escola pública Serafim da Silva Salgado, em Rio Branco-AC. Tal análise é norteada com base na teoria da Análise do Discurso francesa, particularmente, por meio das contribuições do círculo de Bakhtin, que considera a linguagem enquanto processo de interação verbal. É essa noção de linguagem que norteia toda a pesquisa, além das reflexões acerca das noções sujeito e discurso, sob a perspectiva enunciativo-discursiva. Tomando como base os pressupostos dessa teoria para a análise do *corpus*, chegou-se a conclusão de que a escola, instituição a qual é imputada responsabilidade pelo o ensino de leitura, vem mostrando-se ineficiente no cumprimento desse papel, uma vez que não se formam leitores críticos, que sejam capazes de refletir profundamente acerca daquilo que leem, e esse fato se deve, principalmente, a falta de incentivo e trabalho com a leitura, uma vez que as práticas de leituras são escassas, e as aulas se resumem basicamente ao ensino de gramática normativa, ministradas fora da realidade do aluno, e desvinculada, até mesmo, do próprio texto, ou seja, continua-se a ensinar análise metalinguística através de frases soltas e isoladas, não há uma preocupação maior em relação a formação do aluno enquanto leitor crítico e competente.

PALAVRAS-CHAVES: Leitura, Discurso, Ensino e aprendizagem

FORMAÇÃO DE DOCENTES DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS: UMA PROPOSTA DE ESTÁGIOS EM FORMA DE PROJETOS

ODETE BURGEILE¹, DJENANE DOS SANTOS VALDEZ¹

¹UNIR - Universidade Federal de Rondônia

Neste trabalho, analisamos o projeto político-pedagógico do curso de Letras Inglês/Espanhol da UNIR para rever questões pertinentes aos estágios curriculares, ao mesmo tempo em que mostramos a dinâmica de nossos estágios em forma de projetos. Apresentamos também as contribuições do desenvolvimento dos cursos de extensão de língua estrangeira para os futuros professores e para a comunidade que recebe esses cursos. Para tanto, tomamos os conceitos de prática reflexiva (BARTLETT, 1990; WALLACE, 1991; RICHARDS e LOCKHART, 1994; ZEICHNER e LINSTON, 1996; MOITA LOPES, 1996; RICHARDS, 1998; ALMEIDA FILHO, 1999) e destacamos que, nesse contexto reflexivo, o professor não somente desenvolve ações resultantes de teorias, mas também, reciprocamente, produz saberes resultantes de sua prática (TARDIF, 2002). Falamos também sobre a importância dos projetos na área da educação (PIMENTA e LIMA, 2004) e colocamos as contribuições de Silva (2002) de que o campo de estágio merece uma contrapartida, não sendo somente um lugar de experimentos inconsequentes, mas um local com trabalhos mais autênticos, que levem a mudanças concretas da realidade educacional. Os dados foram obtidos durante o mês de junho e julho de 2009, através de questionamentos com alguns formandos em Letras Inglês/Espanhol e os que já atuavam na profissão, sobre a influência do projeto de extensão na sua prática atual, bem como o depoimento dos pais e dos alunos sobre esses cursos. Acreditamos que a parceria entre a universidade, a escola pública ou instituições da comunidade seja um processo de retorno, ora a curto prazo ora a longo prazo, mas de significativa importância. O envolvimento dos alunos em estágios na forma de projetos, tanto de extensão quanto de pesquisa, além de trazer benefícios para a comunidade, faz com que o estagiário redefina seu papel, assumindo a condição de sujeito de sua própria prática e desenvolvendo uma postura de professor-pesquisador, o que influencia positivamente na sua atuação pedagógica e, conseqüentemente, na qualidade do ensino em nossas escolas, onde futuramente irão atuar.

PALAVRAS-CHAVES: Ensino/aprendizagem, Estágio supervisionado, Extensão/Pesquisa

A INTERPRETAÇÃO DE METÁFORAS PELO SURDO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO, SUA SEGUNDA LÍNGUA

**RAMON CORRÊA MOTA¹**¹UCB - Universidade Católica de Brasília

Quando uma criança ouvinte está no meio de adultos ouvintes e escuta uma expressão “estranha”, a criança, como qualquer outro indivíduo, buscará interpretá-la, mas percebe que o significado literal não lhe traz informações suficientes e necessárias para entendê-la. Com o tempo, em diversas situações, a criança rodeada por um ambiente linguístico junto às experiências vividas faz com que as expressões “estranhas” tenham um significado não literário, mas metafórico, ou seja, uma coisa é dita, mas seu significado é outro. Com o tempo, estas expressões são neutralizadas no dia-a-dia pelos falantes e são usadas frequentemente. É uma questão totalmente cultural, o surdo não tem acesso à cultura ouvinte por meio de sons, somente pela visão. O pesquisador investigou o porquê o surdo brasileiro não compreende textos em português do mesmo modo que os ouvintes-falantes, uma vez que o texto trata de metáforas típicas do português brasileiro. Foi elaborado um método para apresentar a metáfora desconstruída no sentido literal através de imagens, levando aos surdos a transferir o significado literal para o significado metafórico. O surdo tem dificuldades em interpretar as metáforas do português devido ao contato com os ouvintes. Foi realizada uma pesquisa de campo em que participaram 10 (dez) estudantes do ensino médio, em Brasília. Na escola, pioneira em relação à educação como segunda língua, é adotada a inclusão social e educacional. Na disciplina de língua portuguesa, os surdos vão para uma sala em que somente é usada a Libras como primeira língua e o português escrito como segunda. O pesquisador dividiu os estudantes surdos em dois grupos, os que assistiram a aula de metáforas em língua de sinais e após uma aplicação de um teste, doravante, grupo com aula, chamado de grupo CA, e, o grupo que não assistiu à aula em língua de sinais e respondeu ao teste sem o aviso prévio do assunto, chamado de grupo SA. A aula foi ministrada em libras e a estratégia foi apresentar o significado do sentido conotativo e denotativo, com base em exemplos e após apresentar a metáfora desconstruída através de imagens, mostrando-lhes que aquela expressão faz parte do sentido literal, mas não no metafórico, e que o surdo sozinho consiga fazer esta transferência de significado. Dos dados coletados, o grupo SA obteve a média de 19% de acertos e a média do grupo CA superou o outro grupo com índice de 55% de acertos. O grupo CA teve um melhor empenho que o grupo SA. O resultado em comparação entre os dois grupos teve como média crescente de 36%. É importante o ensino do português como segunda língua para os estudantes surdos. Embora não haja materiais didáticos comercializados para o trabalho na área educacional. Vale ressaltar que

a contextualização é muito importante para que o surdo interprete-a sozinho. O processo de aprendizagem dos estudantes surdos em relação às metáforas é gradativo, é importante estimulá-los a buscar o que motivou o falante/ouvinte a usar aquele tipo de metáfora.

PALAVRAS-CHAVES: Libras, metáforas, segunda língua, surdo

A TRADUÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO NA AULA DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

JULIANA BATISTA DO PRADO¹, MARY CLEVELY MENDES¹¹UEG - Universidade Estadual de Goiás

O ensino de língua estrangeira (LE) está centrado, tradicionalmente, no desenvolvimento de 4 habilidades que, conjugadas, levam o aprendiz a adquirir competência na língua estudada: ouvir (*listening*), falar (*speaking*), ler (*reading*) e escrever (*writing*). Ao longo da história, essas habilidades têm sido enfatizadas, em maior ou menor grau, por diferentes métodos de ensino de LE, conforme a abordagem na qual o método se apóia. Dessa forma, este trabalho relata resultados finais de uma pesquisa desenvolvida no Programa de Iniciação Científica da UEG-Anápolis, cujo objetivo principal foi propor uma reflexão acerca de aspectos teóricos e metodológicos da tradução e seus efeitos no processo de ensino-aprendizagem de língua estrangeira (LE); identificar crenças de alunos e professores sobre o uso da tradução em sala de aula de língua estrangeira, verificar se e como a tradução é utilizada nesse contexto e analisar aspectos positivos e negativos do uso da tradução no ensino de língua estrangeira, visando fornecer subsídios para uma melhoria do ensino de língua estrangeira na realidade brasileira. Partindo de uma reflexão com base em teorias e do PCN (Instrumental X Comunicativo) que tratam da tradução como um processo não apenas cognitivo, mas também cultural e político (ÁLVAREZ & VIDAL, 1996), e de que o emissor tradutor é, ao mesmo tempo, o receptor da mensagem do emissor original (AUBERT, 1994; 1978), e considerando a crença, comum entre professores de LE, de que “traduzir seja simplesmente transpor o significado de palavras com a ajuda de um dicionário”, o que “pode levar o tradutor a utilizar estratégias superficiais de como lidar com o texto e, conseqüentemente, a uma tradução totalmente inadequada” (PAGANO, 2000, p. 11), buscou-se aplicar essas teorias em situações concretas de ensino de LE. Por se tratar de uma pesquisa qualitativa/interpretativista de caráter exploratório (ERICKSON, 1988; 1991; MERRIAM, 1988;



CRESSWELL, 1994), foram observadas aulas de língua inglesa em escolas públicas, com a finalidade de se identificar se a tradução faz parte da prática cotidiana dos professores pesquisados, analisando aspectos positivos e negativos dessa prática.

PALAVRAS-CHAVES: ensino, estratégia, língua estrangeira, tradução

O USO DE TEXTOS NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA

DAIANNE SEVERO DA SILVA¹

¹UNIR - Universidade Federal de Rondônia

O estudo de Línguas não está restrito apenas ao conhecimento das competências lingüísticas (ler, escrever, ouvir e falar), vai muito mais além disso. É necessário que saibamos também sobre a cultura do povo falante, e uma das maneiras de termos contato com esta cultura é através de textos autênticos. Esta pesquisa tem como objetivo utilizar a Abordagem Instrumental para ensinar alunos do Ensino Fundamental II, especificadamente dos oitavos anos, a compreenderem melhor os textos de Língua Inglesa, evitando, ao máximo, o uso de tradução, proporcionando melhor aprendizagem, uma vez que o texto torna o relacionamento aluno – língua-alvo mais próximo. Segundo o PCN, é mais relevante o estudo de língua estrangeira através da leitura e compreensão de textos, uma vez que esta é a forma mais comum que os alunos se deparam a uma outra língua. Moita Lopes (1996, p. 127-165) é um dos defensores do ensino de uma língua estrangeira, mas especificamente, a Inglesa, voltada para a leitura, porque acredita ser algo de muita relevância, já que “a única justificativa social para a aprendizagem de LE no Brasil, tem a ver com o uso do Inglês como instrumento de leitura” (Celani apud Lopes, 1996, p. 131). Sabe-se que o professor de Línguas deve tornar possível ao aluno a atribuição e produção de significados, e a contextualização do conteúdo a ser transmitido, através de textos, deve ser a melhor maneira para alcançar este alvo. Através de uma Pesquisa Participativa (pesquisa-ação), desenvolveu-se esta análise, em três fases: Pesquisa bibliográfica; Seleção do material utilizado em sala de aula e Regência em uma Escola Pública de Porto Velho. Ensinar Língua Inglesa através de textos é relevante, pois possibilita alternativas de ensinar uma Língua Estrangeira de maneira diversificada, fazendo com que os alunos aprendam a língua de maneira não-mecanizada e que tenham um interesse crescente por este conhecimento.

PALAVRAS-CHAVES: abordagem instrumental, língua inglesa, textos

OBJETO DA CULTURA MATERIAL ESCOLAR: O PAPEL DO LIVRO DIDÁTICO NAS AULAS DE INGLÊS NA ESCOLA ESTADUAL MARIA CONSTANÇA BARROS MACHADO (1955-2005)

MARTA BANDUCCI RAHE¹

¹UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Entendo a escola como lugar de seleção de práticas e de conhecimentos, lugar de assimilação de traços culturais e de produção e reprodução de cultura e também, de seleção e reelaboração de conteúdos que serão transmitidos às novas gerações, tendo dentre seus artefatos mais consumidos, o livro didático. Nas salas de aula, mesmo com os avanços tecnológicos contemporâneos, esse objeto da cultura material escolar, se mantém como um fenômeno universal. Como artefato do cotidiano da escola é portador de informações sobre a vida escolar, explicitando conteúdos educativos, estabelecendo métodos de aprendizagem, sendo também um instrumento ideológico e cultural, pois, além de possuir função documental, transmite os valores de grupos hegemônicos da sociedade. Diante disso, tendo a cultura como um processo fundante da organização social, neste trabalho pretendo delinear os caminhos que me instigaram ao início de uma pesquisa que tem por objetivo analisar o livro didático de inglês, utilizado nas Escolas Municipais de Campo Grande – MS, tomando-o como objeto da cultura material escolar e, entendendo-o como artefato produtor de sentidos, como mercadoria produzida para a escola e seu público e como produtor de práticas. É importante destacar que, há quatro anos, a Secretaria Municipal de Educação de Campo Grande distribui o livro didático de inglês para os alunos do ensino básico fundamental. A idéia de se analisar esse material escolar surgiu de uma pesquisa anterior, quando na investigação do papel do professor da disciplina língua inglesa enquanto divulgador da cultura norte-americana através de suas práticas, pude constatar que, durante as entrevistas, o livro didático, mesmo não sendo o objeto investigado, se fez presente nas falas de todos os docentes, mesmo no discurso daqueles que hoje, podem lançar mão dos recursos oferecidos pelas tecnologias disponibilizadas nos laboratórios de informática. A pesquisa teve como recorte temporal o período de 1955 a 2005, a escolha do espaço físico – Escola Maria Constança



Barros Machado – e espaço temporal, foram feitas por ser essa escola o primeiro ginásio público de Campo Grande e por ter se estabelecido a partir de 1954 em um prédio que se tornou referência arquitetônica e de ensino para a população da cidade. As entrevistas foram realizadas com quatro professores de inglês, a primeira, catedrática da disciplina, foi docente nessa escola de 1954 até a primeira década de 1960, o segundo, também catedrático, permaneceu na escola por mais de duas décadas, de 1967 a 1991, as outras duas professoras, graduadas em Letras, fazem parte do quadro de docentes da escola desde 2000. Pude concluir que os docentes consideram o livro didático o instrumento mais utilizado como norteador das práticas cotidianas da disciplina língua inglesa naquela escola, além desse material explicitar em seu conteúdo mudanças nas finalidades e nos objetivos do ensino de língua inglesa.

PALAVRAS-CHAVES: Livro Didático, Cultura, Cultura Material Escolar, Professores de Inglês

TRABALHANDO COM OS EMERGENTES GÊNEROS DIGITAIS NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA

LAUDO NATEL DO NASCIMENTO¹, ANA KARINA DE OLIVEIRA NASCIMENTO¹

¹UFS - Universidade Federal de Sergipe

Discussões acerca da inserção dos gêneros digitais emergentes no ensino tem sido frequente, assim como tem sido ampliada a reflexão sobre o ensino de língua inglesa enquanto língua estrangeira. É partindo dessas reflexões atuais que o presente trabalho objetiva discutir o ensino de língua inglesa na perspectiva dos novos gêneros digitais. Para realização dessa análise teórica, parte-se do conceito de gênero de Bakhtin (1992), bem como das análises teóricas acerca dos gêneros digitais empreendidas por Marcuschi (2005) e Paiva (2005), os quais não apenas definem tais gêneros, como também os exemplificam e discutem a sua relevância. Trata-se de uma discussão teórica que, partindo do método dialético, busca analisar a possibilidade de se trabalhar com os gêneros digitais emergentes no ensino de língua inglesa. Como ponto de partida, entende-se, concordando com Marcuschi (2002) que esses gêneros emergentes não são criações absolutas, sem conexão alguma com gêneros pré-existentes. Ao contrário, entende-se que a tecnologia favorece a emergência de novos e inovadores gêneros, mas eles não são formas completamente novas. Destas formas, são analisadas as

seguintes: o e-mail, o e-forum, o chat, o blog, a videoconferência e o hipertexto, considerados os mais utilizados e, portanto, passíveis de análise. A relevância do estudo dos gêneros digitais emergentes centra-se em três aspectos levantados por Marcuschi (2005): a ampliação do seu uso e o seu desenvolvimento, suas peculiaridades formais e funcionais e a possibilidade que alargam no tocante à revisão de conceitos tradicionais relacionados a como é vista a língua falada e escrita. Com o intuito de conectar a análise dos gêneros digitais emergentes ao ensino de língua inglesa, documentos oficiais são tomados como elementos de análise, em especial os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de língua estrangeira (1998) e as Orientações Curriculares Nacionais (OCEN) do Ensino Médio (2006), mais especificamente a parte que trata do ensino de línguas estrangeiras.

PALAVRAS-CHAVES: gêneros digitais, ensino, língua inglesa

CONCEPÇÃO DE AVALIAÇÃO E ENSINO DE LÍNGUA ESPANHOLA EM PORTO VELHO

DJENANE ALVES DOS SANTOS VALDEZ¹

¹UNIR - Universidade Federal de Rondônia

O presente trabalho pretende refletir sobre as práticas avaliativas empregadas por docentes de língua espanhola de escolas de ensino regular de Porto Velho/RO, propondo a aplicação da avaliação formativa e diagnóstica. Para alcançar tal objetivo, foi utilizada uma abordagem qualitativa por meio de pesquisa de campo, bem como pesquisa bibliográfica, através da qual apresentamos um breve panorama sobre a avaliação, baseado principalmente, em Álvares Mendez (2003), Pedro Demo (2008), Libâneo (1985), Luckesi (1992), Cestaro (1997), Haydt (2004), Fidalgo (2002) e Duboc (2009). Na pesquisa de campo, ocorrida em contexto escolar, foram observados dois aspectos relevantes: o uso da prova escrita como principal modalidade de avaliação e ênfase aos aspectos estruturais da língua com relação à pretensão avaliativa. Esses aspectos observados nos revelam uma concepção docente de avaliação como sinônimo de mensuração, decorrentes de concepções tradicionais fortemente consolidadas. Tal prática docente leva em conta apenas as habilidades expressão e compreensão escrita do aluno e se contradiz com o objetivo proposto de desenvolver nele também as habilidades de expressão e compreensão oral. Assim, a forma de encarar e realizar a avaliação reflete a concepção de ensino do professor. No caso do



professor de línguas estrangeiras, a prática avaliativa, além de refletir sua concepção pedagógica, refletirá também sua concepção de língua e ensino de língua. A avaliação formativa e diagnóstica, de acordo com Haydt (2004), vai além da rotineira prova escrita, coletando-se uma ampla variedade de dados. Nela, o professor utiliza instrumentos qualitativos como, por exemplo, a observação e registro do desempenho do aluno, em atividades que desenvolvem também a expressão e a compreensão oral. Desta forma, sugerimos uma revisão da concepção de avaliação e a aplicação da avaliação formativa e diagnóstica como meio para melhorar a qualidade do processo ensino-aprendizagem de língua espanhola e, desta forma, fazer funcionar um ensino contextualizado, significativo e responsável.

PALAVRAS-CHAVES: Língua Espanhola, Avaliação, Processo ensino-aprendizagem

TRABALHANDO COM OS EMERGENTES GÊNEROS DIGITAIS NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA

LAUDO NATEL DO NASCIMENTO¹, ANA KARINA DE OLIVEIRA NASCIMENTO¹

¹UFS - Universidade Federal de Sergipe

Discussões acerca da inserção dos gêneros digitais emergentes no ensino tem sido frequente, assim como tem sido ampliada a reflexão sobre o ensino de língua inglesa enquanto língua estrangeira. É partindo dessas reflexões atuais que o presente trabalho objetiva discutir o ensino de língua inglesa na perspectiva dos novos gêneros digitais. Para realização dessa análise teórica, parte-se do conceito de gênero de Bakhtin (1992), bem como das análises teóricas acerca dos gêneros digitais empreendidas por Marcuschi (2005) e Paiva (2005), os quais não apenas definem tais gêneros, como também os exemplificam e discutem a sua relevância. Trata-se de uma discussão teórica que, partindo do método dialético, busca analisar a possibilidade de se trabalhar com os gêneros digitais emergentes no ensino de língua inglesa. Como ponto de partida, entende-se, concordando com Marcuschi (2002) que esses gêneros emergentes não são criações absolutas, sem conexão alguma com gêneros pré-existentes. Ao contrário, entende-se que a tecnologia favorece a emergência de novos e inovadores gêneros, mas eles não são formas completamente novas. Destas formas, são analisadas as seguintes: o e-mail, o e-forum, o chat, o blog, a videoconferência e o hipertexto, considerados os mais utilizados e, portanto, passíveis de

análise. A relevância do estudo dos gêneros digitais emergentes centra-se em três aspectos levantados por Marcuschi (2005): a ampliação do seu uso e o seu desenvolvimento, suas peculiaridades formais e funcionais e a possibilidade que alargam no tocante à revisão de conceitos tradicionais relacionados a como é vista a língua falada e escrita. Com o intuito de conectar a análise dos gêneros digitais emergentes ao ensino de língua inglesa, documentos oficiais são tomados como elementos de análise, em especial os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de língua estrangeira (1998) e as Orientações Curriculares Nacionais (OCEN) do Ensino Médio (2006), mais especificamente a parte que trata do ensino de línguas estrangeiras.

PALAVRAS-CHAVES: gêneros digitais, ensino, língua inglesa

A NECESSÁRIA INTEGRAÇÃO DA LÍNGUA E DA CULTURA NO ENSINO DA LÍNGUA ESTRANGEIRA

KLONDY LÚCIA DE OLIVEIRA AGRA¹, ODETE BURGEILE²

¹UNIRON - Faculdade Interamericana de Porto Velho, ²UNIR - Universidade Federal de Rondônia

O processo ensino-aprendizagem exige do professor a busca por novos saberes e práticas. Quando esse processo trata do ensino de uma Língua Estrangeira (LE), passa a ser uma tarefa que vai muito além de repassar normas, vocabulário ou exercícios de repetição dessa Língua ao aprendiz. Pressupomos que esse processo inclui identidades lingüísticas diferentes relacionadas a marcos de cognição social distintos. Por isso, cremos que essa tarefa requer a construção do sentido pelo professor na cultura da Língua Alvo, tanto para sua própria prática, como para o ensino dessa Língua. Ademais, compreendemos a integração da Língua e da Cultura como fatores dominantes no processo ensino-aprendizagem da LE. Pois, acreditamos que essa atividade tem como alvo a comunicação dentro de contextos e cenários específicos, e que, tanto o discurso como a comunicação têm importância vital para a caracterização da identidade cultural de um povo. Tal crença tem como base a concepção de que uma língua natural é um sistema de representação do mundo e de seus eventos e, para que ela possa dar conta disso, usa sinais cujos sentidos são especializados em um contexto, sendo que esse contexto só tem sentido especializado em um cenário que revela uma cultura. Defendemos, neste estudo, que o professor ao ensinar uma LE deve encaminhar esse ensino integrando



as duas faces: a face da língua e a face da cultura. Um caminho que, apontamos como facilitador da comunicação e propiciador de instrumentos que facilitarão a “correta” compreensão de especificidades de contextos e cenários. O que nos conduz a esse ponto de vista é a compreensão de que, com sentidos construídos culturalmente, o falante da LE estará compreendendo significados especializados num determinado grupo social e, com o estudo profundo e simultâneo da língua e da cultura, evitará conclusões ambíguas e obterá bom nível de compreensão. O objetivo deste estudo é discutir o processo ensino-aprendizagem da Língua Estrangeira, observando a importância da integração da Língua e da Cultura e a necessária formação intercultural do professor. Para dar conta desse objetivo revisitamos teóricos como McLaughlin (1978) e Krashen (1977) que discorrerem sobre o processo da aquisição e da aprendizagem. Procuramos, também, por teóricos como: Witherspoon (1980), Foucault (1986), Bhabha (1994) e Bakhtin (1999) com o intuito de aclarar sobre cultura e fatores culturais. Em busca de esclarecimentos à correta compreensão do sentido culturalmente construído, buscamos por Frege (1978), Raccah (2002) e Ferrarezi (2003). Nessa revisão bibliográfica, procuramos por estudos que conduzem a interculturalidade através de autores como Benveniste (1996), Eco (1975) e Bassnett e Trivedi (1999). Com o apoio teórico descrito acima, após discorrermos sobre a importância da formação intercultural do professor para o ensino da LE, apontamos métodos que conduzam a essa formação e ao envolvimento cultural de aprendizes em sala de aula da LE.

PALAVRAS-CHAVES: Interculturalismo, Língua Estrangeira, Formação do Professor, Cultura